

Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



RETUMBANTE!
É o único adjectivo que pode classificar com justiça o êxito alcançado no TIVOLI por «Sinfonia dos Trópicos» a maravilha colorida da Fox-Filmes, com CARMEN MIRANDA, Betty Grable e Don Ameche. Uma semana de lotações completamente esgotadas, ovações tôdas as noites e mais semanas idénticas em perspectiva!... o TIVOLI de Lisboa continua a marcar o seu lugar de eleição!



as estreias DO Animatógrafo

... E AS FILMAS ANTES DOS SEUS LEITORES...
... E AS FILMAS ANTES DOS SEUS LEITORES...
... E AS FILMAS ANTES DOS SEUS LEITORES...

A RADIO-FILMES
apresentam
«O OUTRO»
(They knew what they wanted)

Dirigida por Garson Kanin
Produção de Erich Pommer
Adaptação de Robert Ardrey da obra
de Sidney Howard

Personagens:

Any Peters CAROLE LOMBARD
Tony Patucci CHARLES LAUGHTON
Joe WILLIAM GARGAN
O médico HARRY CAREY
O padre FRANK FAY



Tony Patucci (Charles Laughton), aí tens o prémio duma vida inteira de trabalho; talvez não haja vinho como a tua, na Califórnia. O êxito embriaga mais que o vinho; mas tu continuas, franco e simples, enamorado da Natureza...

Dinheiro não falta, o ano corre bem... Porque não vais até à cidade? Precisas de distração, de ver caras novas, de tirar enfim partido do que ganhas.

Em São Francisco até as criadas de café são bonitas!

A costela latina atraçou-te: foi ver e amar. Nem ela nasceu para criada, nem tu para viver sózinho. Se soubesses escrever o que sentes! Negócios de amor não pedem secretário... e ainda por cima mandas-lhe o retrato do capitaz, o Joe (William Gargan), como se teu fóra!



Fraco amor o dela — por correspondência... Mas aceitou, e vem, vem para casar. Como estás contente, Tony! E ris e pulas como uma criança. Enfeitaste a quinta e ao querer ver o conjunto de cima dum telhado (desgraçada ideia)...

... Escorregaste, caíste, e aí tens; as duas pernas partidas, o casamento adiado. Porque o casamento há-de fazer-se, Tony!

Ela perdoou-te a troca dos retratos e acabou por se conformar (aquela vida de São Francisco, ser criada...)

O Doc (Harry Carey), como lhe chamam, percebe do seu ofício: dentro de dois meses, levantas-te e casas, casar pela certa. É certo que Joe e Any (Carole Lombard) sentem «qualquer coisa» um pelo outro, mas contrariam-se, e raro se olham frente a frente...



Como isto vai ser cruel para Tony! O capitaz contou à rapariga que era ele o secretário amoroso e que a musa correspondia à inspiração. Any fraquejou, e aquele desmaio que teve há pouco... Não precisas saber o resto, Tony!

Joe, quando soube do embaraço de Any, fugiu como um covarde. Que lhe resta a ela fazer senão o mesmo? Mas Joe muda de ideia: volta e aconselha-a a casar com o outro!... Atraído pela alteração, Tony põe-se à escuta, ouve ainda meia verdade.

... A outra metade é a própria Any que a confessa. Perante a dor de Tony dá conta, pela primeira vez, do amor que soube inspirar. O conselho do padre (Frank Fay) suaviza a situação: — «Nada resolvam sem que o tempo sirva de bálsamo às vossas feridas...»

Animatógrafo

Director, editor e proprietario: ANTONIO LOPES RIBEIRO

A PARAMOUNT VAI FILMAR EM HOLLYWOOD

«ONE NIGHT IN LISBON»

cuja acção decorre em Lisboa e que tem por vedetas MADELEINE CARROLL E FRED MC MURRAY

Não é esta a primeira vez que os produtores cinematográficos escolhem Lisboa, quer para teatro de acção dos seus filmes, quer para importante ponto de passagem dos seus argumentos.

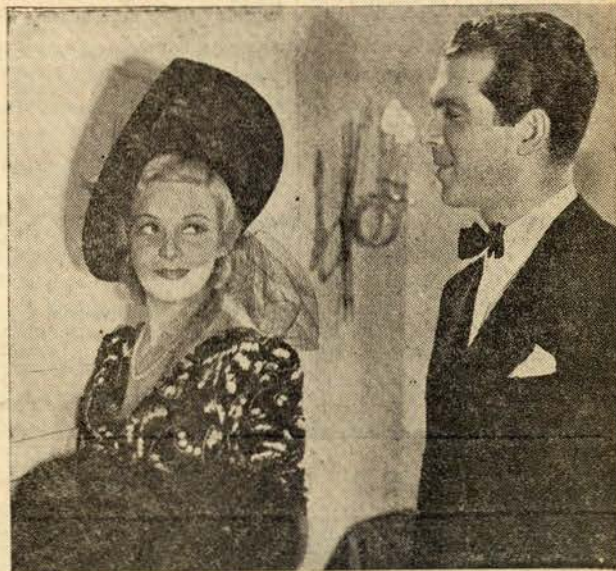
Foi em 1923 que pela primeira vez, locais lisboetas serviram a sequências de filmes. Intitulava-se «A Grande Desconhecida» e interpretavam-no Ellen Richter, ao tempo uma das mais categorizadas artistas alemãs, que, coincidência curiosa, se encontra neste momento em Portugal, e o conhecido George Alexander, indispensável intérprete das produções germanicas. Ambos fizeram cenas em S. Pedro de Alcântara, no Jardim Botânico e, muito especialmente, no Terreiro do Paço, que passou, assim, a sua importância pelos «ecrans» de toda a Europa.

Em 1929 vinham propositadamente a Lisboa, para que aqui fossem realizadas algumas passagens do filme «Fraulein Lausbub», que então estavam interpretando e dirigido por Eric Waschneck, a simpatíssima Dina Gralla, cuja popularidade entre nós era nessa altura enorme, e Arthur Duarte. A

eles se juntaram os seus camaradas portugueses Irene Isidro e Vasco Santana, tendo António Lopes Ribeiro dirigido as cenas que em Lisboa se passavam e que tiveram por quadro o Chiado, o Campo Grande e o Estoril.

Três anos mais tarde aparece também em Lisboa a «troupe» da U. F. A. que até nós vinha com o propósito de realizar, tanto para a versão alemã, como para a francesa, algumas passagens importantes de «Estupezacientes», um filme que estava longe de ser uma obra perfeita. Peter Lorre, o pretencioso Hans Albers, Trude von Mollo, Jean Murat, Monique Rolland, Raoul Aslan, o realizador Kurt Gerron, hoje trabalhando nos Estados Unidos, e o famoso operador Carl Hoffman fizeram de Lisboa, durante alguns dias, o seu quartel general, ante a curiosidade e o interesse de grande multidão.

Um outro artista alemão, há relativamente poucos anos, fez passar por Lisboa grande parte do acção dum dos seus filmes. Era Harry Piel — de cuja carreira cinematográfica verdadeiramente prodigiosa fazem parte para cima de



Fred Mac Murray e Madeleine Carroll em «Um Novo para Três Noivas».

cem filmes — e o filme intitulava-se «Harry Piel em Lisboa». Mas desta vez nenhum actor veio até nós, tendo servido algumas cenas fotografadas por Aquilino Mendes para criar a atmosfera e localizar a acção.

Jean Murat, Winna Winfried, o malgrado André Berley, Robert Le Vigan, Maurice Lagrené, chefiados pelo realizador André Chénal, o vigoroso encenador de «Crime e Castigo», em Novembro de 1935 abordavam a Lisboa num «quatro mastros» elegantíssimo, principal personagem do filme «Os Amotinados de Eiseneur», tirado de Jack London.

O Tejo e o casario das colinas de Lisboa serviram de pano de fundo a importantes passagens do «cenario».

Depois de toda esta série, que não deixa de ser interessante, é a Paramount que vai agora produzir um filme em que Lisboa tem um importante e desenvolvido papel a desempenhar. Intitula-se «One Night in Lisbon», e dele são protagonistas dois artistas bem conhecidos dos cinéfilos portugueses: a formosíssima Madeleine Carroll e o simpático Fred Mac Murray, que assim, uma vez mais, depois de «Os Milionários Divertem-se» e «Noivo para Três Noivas» vão aparecer juntos no mesmo filme.

Como o título deixa adivinhar, toda a acção se passa durante uma noite em Lisboa, ponto de escala da viagem dos personagens que aqueles dois artistas vivem na tela, viagem que os levará a Londres no desempenho duma arriscada e importante missão.

Nenhum dos intérpretes do filme virá, porém, a Portugal. As possibilidades técnicas de que o cinema

pode hoje lançar mão são de tal ordem que, para casos como este, não há, realmente, grande necessidade de deslocação, quer de técnicos, quer de artistas, para a realização de qualquer das cenas passadas entre nós. Serão filmados, no entanto, em Lisboa os exteriores indispensáveis não só à situação da acção, como à criação duma perfeita atmosfera local, trabalho para que foi já convidado, segundo informações que possuímos, um dos nossos mais competentes técnicos, o operador César de Sá. Tudo o resto será reconstituído nos estúdios da Paramount, em Hollywood, que se encontram neste momento em óptimas condições para tal, pois estão na posse de elementos valiosos, depois de copiosa documentação, não só de Lisboa, mas de todo o país, que a pedido da Central de Hollywood um organismo oficial acaba de fornecer à Paramount.

«One Night in Lisbon» vai ser, estamos disso convencidos, um esplêndido elemento de propoganda que Portugal fica devendo à Paramount, dado a larga expansão habitual dos filmes americanos em todo o mundo.

E' sem duvida mais um belo serviço que a Paramount presta a Portugal, de quem não é lícito esquecer a série de filmes falados em português que, no início do sonoro, foram realizados nos seus estúdios de Paris, em Joinville, e interpretados por artistas portugueses — «A Canção do Berço», «A Mulher que Ri» e «A Minha Noite de Nupcias».

Isso mesmo o compreendeu o Governo Português, galardoando nessa altura, com a Ordem de Santiago, Adolph Zuckor e algumas outras figuras de destaque da Paramount.

VIVIEN LEIGH e LAURENCE OLIVIER vêm a caminho de Portugal a bordo do «EXCAMBION»

A bordo do «Excambion» chegam hoje ou amanhã a Lisboa Vivien Leigh e Laurence Olivier. Apesar das muitas «estrélas» que ultimamente têm passado pelo nosso país, os meios cinéfilos portugueses não podem deixar de receber esta notícia como verdadeiramente sensacional, dada a grande categoria do simpático casal de artistas que vamos ter entre nós por alguns dias.

Vivien Leigh embora já tenha passado nas telas portuguesas — interpreta, por exemplo, a mulher do livreiro no «Estudante de Oxford» — é pouco conhecida do nosso público, que só agora, com a breve apresentação de «A Ponte de Waterloo», vai começar a conhecer as suas recentes criações, a mais sensacional das quais o papel de Scarlet O'Hara de «Gone With Winds» lhe valeu o prémio da melhor interpretação feminina de

1939 da Academia de Hollywood. E' irlandesa e acompanha a Londres seu marido que, como bom cidadão inglês, depois de cumpridos os contratos que tinha na América, se vai alistar.

A carreira de Laurence Olivier não é menos brilhante do que a brilhantíssima carreira de sua mulher. Extraordinário actor, vimo-lo numa correcta interpretação em «O Divórcio de Lady X» e, ainda há pouco, na prodigiosa criação de Heathcliff do «Monte dos Vendavais». Recentemente filmou, ao lado de Geer Garson, «Orgulho e Preconceito». Mas foi a interpretação do protagonista de «Rebecca», filme que deve amanhã estreiar-se no «S. Luiz» e que na América bateu todos os «records» de bilheteira, quem deu a Laurence Olivier a consagração definitiva que, aliás, já desde o «Monte dos Vendavais» merecia.

meu Caro Amigo:

...ano por V. uma tão grande admiração, consagrei-lhe desde que o conheço tantos momentos da minha vida (todos, a bem dizer!), que de modo algum podia esquecer que no dia 28 de Dezembro passado, V. completou quarenta e cinco anos de existência.

Sim senhor quarenta e cinco anos!... E é ainda um rapaz que tantos trabalhos dá para se criar. V. é, sem dúvida, um ser excepcional e assim se compreende que a sua gestação se tivesse iniciado nos tempos longínquos de Salomão e só em 1895 surgisse perante a luz, tendo como médicos parteiros os irmãos Lumière.

Depois, tem sido um nunca acabar de preocupações.

As habituais doenças de todas as crianças, por si passaram; teve o sarampo das séries, as bexigas das vamps...

Mas a mais grave, aquela que mais preocupações deu, foi quando V. começou a falar.

Ai, meu amigo! Confesso-lhe agora que me vi atrapalhado. Eu era ainda mudo, mas o lme que me far-tei de ler os jornais da especialidade, procurando conhecer melhor a marcha da maravilhosa mas terrível, doença que desmorteou meio mundo.

Foi um caso sério, e V. deixou para aí muita gente banzada com

CARTA ABERTA AO MEU AMIGO CINEMA

felicitando-o pelo seu
QUADRAGÉSIMO QUARTO ANIVERSÁRIO

a sua espantosa resistência moral. Mas o que lá vai lá vai. Agora V. resolveu deixar o luto aliviado e passou a vestir-se de garridas cores.

Bravo! Gosto mais assim e fica-lhe melhor.

Mas, por favor, faça isso duma vez, abandonando para sempre o já estafadíssimo preto e branco.

E' verdade: consta-me que V. tem andado adoentado.

Será verdade? De facto, há tempos notel-lhe qualquer coisa de estranho.

O diagnóstico médico dizia ser «Relvô» a sua nova doença mas eu inclino-me a que isso é mais uma «pequena» transformação do seu ser.

Não lhe parece? V. ainda está muito novo e muitas surpresas nos trará por certo.

Já agora aproveito o momento para lhe falar dum assunto muito grave

V., que possui o mais formidável

poder de atracção espectacular que jamais houve sobre a terra andada para aí a «desinquietar» muitas raparigas.

Se V. as tratasse sempre bem, vá lá, mas depois de as utilizarem durante uns anos acaba por as abandonar.

Não se desculpe. Eu sei o que V. vai dizer.

São os seus secretários-productores que se zangam com elas, é o público que se cança delas, é tudo, eu sei.

Mas, francamente, veja se tem um pouco mais de cuidado — e mais constância. Não desinquiete tantas raparigas.

Agora reparo, tenho estado para aqui a escrever-lhe com tamanha liberdade de palavras, que não me fica lá muito bem.

Desculpe.

Eu podia ter a valdade, como a de muitos senhores que há pelo mundo, de dizer alto e bom som:

Eu sou amigo íntimo do Cine-

ma Eu conheço perfeitamente o Cinema. Não há nenhuma particularidade do Cinema que eu não conheça...

Mas não, meu caro amigo, prefiro não ser assim. V. é tão difícil de compreender, tão complicado na sua maneira de ser, tão atraente no seu aspecto geral que eu limito-me apenas a dizer:

Admiro o Cinema; e aproveitando a passagem do seu 45.º aniversário — dou-lhe sinceros parabéns.

JOÃO MENDES

O REFERENDUM DOS RETRATOS

OLIVEIRA MARTINS atingiu com GARY COOPER o primeiro lugar da classificação masculina. NORMA SHEARER é a primeira das actrizes

Prosegue com êxito crescente o «referendum» dos retratos do «Animatógrafo». De semana para semana aumenta o número de senhas chegadas à nossa redacção com a indicação das preferências dos nossos leitores, o que prova quanto os nossos retratos interessam e provocam, por vezes, na classificação alterações sensíveis.

O apuramento desta semana apresenta os seguintes resultados:

Actrizes

- 1 — Norma Shearer
- 2 — Ann Rutherford
- 3 — Dorothy Lamour
- 4 — Maria da Graça
- 5 — Mirna Loy
- 6 — Deanna Durbin
- 7 — Alice Faye
- 8 — Paulette Goddard
- 9 — Eleanor Powell
- 10 — Greta Garbo

Actores

- 1 — Oliveira Martins
- 2 — Gary Cooper
- 3 — Clark Gable
- 4 — Spencer Tracy
- 5 — Mickey Rooney
- 6 — Robert Stack
- 7 — Henry Fonda
- 8 — William Powell
- 9 — Richard Green
- 10 — James Stewart

O facto mais sensacional a registar é, incontestavelmente, a classificação do galã português Oliveira Martins no primeiro degrau da escada acima de Gary Cooper.

Desde já fica garantida a publicação do retrato destes dois actores aos quais, como de costume, serão cortados, agora, todos os votos.

Nas mulheres verifica-se a ascensão natural de Norma à primeira classificação e são dignas de nota as subidas da vedeta nacional Maria da Graça e da gentil Ann Rutherford. E', ainda, de salientar que Deanna Durbin e Mickey Rooney, que tiveram ainda há poucas semanas cortados todos os votos, já aparecem de novo nos lugares de honra, o que revela a extraordinária simpatia do nosso publico por estes actores.

Finalmente, queremos revelar aos nossos leitores pormenores que nos parecem com interesse: há quarenta e cinco nomes de actrizes votados e quarenta e um de actores; nos primeiros, seis e nos segundos, quatro são de «estrelas» de filmes nacionais.

A's urnas, cidadãos-cinefilos! A's urnas!

O cheque da ALIANÇA-FILMES



Damos hoje à estampa a «vera effigie» do cheque de 500 escudos entregue ao vencedor do concurso aberto no «Animatógrafo» para o título português do novo filme de Frank Capra «Mister Smith goes to Washington». Conforme anunciamos no último número o premiado foi Antero Faro com o seu título «Peço a palavra!», escolhido depois de cuidadosamente apreciadas as condições de algumas dezenas de títulos tão «possíveis» como este, mas que, em última análise, não conseguiram bater as qualidades de incisão, brevidade e intenção, reveladas por «Peço a palavra!». A medida que foram chegando as respostas ao concurso, fez-se uma selecção rigorosa e atenta dos títulos candidatos — que os nossos leitores e todos os concorrentes puderam seguir, de certo modo, nas colunas de «Animatógrafo». E, uma vez terminado o prazo do concurso, a lista dos candidatos seleccionados foi sujeita a atento exame dum júri formado pelos srs. Alberto Armando Pereira e Carlos Moreira, pela Aliança Filmes, e António Lopes Ribeiro e Domingos Mascarenhas pelo «Animatógrafo». A escolha fixou-se em «Peço a palavra!»

prémio do concurso para o título de «Mister Smith» foi entregue a ANTERO FARO

por unanimidade. Não pesou, nem evidentemente devia pesar no ânimo do júri, o facto de Antero Faro ser um profissional de cinema, pois pelo facto da sua profissão não deixa de ser um leitor de «Animatógrafo», como qualquer outro. Ponderou-se também a eventualidade de alguém poder supor qualquer espécie de «preferência antecipada» em relação ao premiado, pelo facto de termos publicado a sua carta-resposta na íntegra, distinguindo-o assim logo de início. Mas também essa consideração não influíu afinal no resultado, em primeiro lugar por ser evidente que, se tal intenção de «compadrio» tivesse existido, procurar-se-la decerto escondê-la o mais possível — o que não se coadunava com a própria publicação da carta; em segundo lugar porque se entendeu que não havia qualquer motivo para preocupações com suspeitas de tal ordem, tanto mais — e isto constitui uma ter-

ceira razão — que a classificação devia ser em mérito absoluto e em «conveniência absoluta» para o fim em vista: crismar, nas melhores condições possíveis, de toda a ordem, o filme de Capra.

O resultado foi aliás admiravelmente aceito pelos candidatos, pois não só ninguém nos manifestou qualquer espécie de estranheza a tal respeito, como, pelo contrário, muitos concorrentes nos têm escrito a testemunhar o seu agrado pela escolha feita, confirmando-a com magnífica isenção e impecável «fair-play». Devemos confessar que semelhante atitude impressionou-nos profundamente, pelo que revela de nobreza de carácter, inteligência compreensiva e verdadeiro espírito desportivo — tão necessário e apreciável no «match» da vida. Quanto a nós esse gesto veio fechar com chave de ouro o nosso concurso — com a melhor chave de ouro que se poderia ambicionar.

PANORÁMICA

■ Leopoldo O'Donnell †

«Animatógrafo» sentiu profundamente a morte, aos 70 anos, dessa admirável figura de animador cinematográfico que foi Leopoldo da Assunção O'Donnell. Ao empresário da Olimpia de Lisboa deve o cinema em Portugal, de facto, algumas das suas mais sólidas conquistas: não só a popularidade, que o género, tão «animatógráfico» das fitas em episódios grandjeux, mas elevadas afirmações de cultura cinematográfica. Porque foi no Olimpia, e por iniciativa de Leopoldo O'Donnell, que Lisboa conheceu algumas das maiores obras-primas da cinematografia, que as salas pretenciosas recusavam: «O Chapéu de Palha de Itália», de René Clair; «Sombras», «Os Mestres Cantores de Nuremberg»; «Casa Desfeita», que nos revelou Walter Huston, «O Terror dos Cabarets» e muitas outras mais. Foi O'Donnell ainda quem lançou entre nós as primeiras vedetas, dos tempos heróicos do cinema italiano — Francesca Bertini, Lyda Borelli, Pina Menichelli, — e quem promoveu a primeira conferência sobre cinema: «As Grandes Trágicas do Silêncio», por António Ferro, hoje director do Secretariado de Propaganda Nacional. E foi O'Donnell, não só um dos primeiros portugueses que acreditou no cinema, fundando o Olimpia com Sabino Correia (outro grande precursor, que já havia fundado o Chiado Terrace), mas um dos poucos que acreditou no cinema português, constituindo, com D. Virgílio de Castro e Almeida, a «Fortuna Filmes», que produziu duas das nossas melhores películas: «A Sereia de Pedra» e «Os Olhos da Alma».

A morte de Leopoldo O'Donnell cobre portanto de luto a família cinematográfica portuguesa. No seu próximo número, «Animatógrafo» evocará a figura do desaparecido com o realce que merece. E apresenta a Sabino Correia e à família O'Donnell os mais sentidos pésames.

■ Filmes agrícolas

Com um prazer tanto maior quanto é certo que não são frequentes tais consagrações aos nossos produtos cinematográficos, temos uma notícia, num jornal diário, em que se anuncia a entrega, feita pelo sr. dr. H. Van Haastert, do Instituto Internacional de Cinema Agrícola de Roma, de um prémio e vários diplomas atribuídos no Concurso Internacional de Cinema Agrícola, que se realizou em Roma no último mês de Maio, a quatro filmes portugueses produzidos pela Secção Cinematográfica do ex-Ministério da Agricultura. São esses filmes os seguintes: «A cultura do melão no Ribatejo», «Técnica do Apáriço», «Os Toiros na faina agrícola ribatejana» e «A Festa Vindimária — Danças e cantares portugueses».

Três coisas nos surpreendem, porém, na referida notícia:

1.^a — Que se tenha escamoteado o nome do sr. Adolfo Coelho, que acaba de realizar «Porto de Abrigo», e que dirigiu a execução de todos esses filmes premiados.

2.^a — Que se tenha escolhido para nos representar no estrangeiro um filme como o da «Festa Vindimária», em que aparecem ranchos incharacterísticos, exibindo um folclore de revista, num momento em que se esboça um movimento sério para salvar os nossos costumes regionais de influências que os deturpam.

3.^a — Que se tenha escolhido, conforme reza a notícia, um fundo musical constituído pelo hino nacional português para acompanhar «A cultura do melão no Ribatejo» e «Os Toiros na faina ribatejana».

Não vemos muito bem o melão a crescer ao som da «Portuguesa», nem os toiros a lutar enquanto se ouvem os compassos famosos de Alfredo Keil. Presumimos que seja confusão do redactor da notícia — mas é uma confusão lamentável.

■ O Natal do Cinema

O Natal do Cinema quasi coincide com o Natal cristão. Pois foi a 28 de Dezembro, três

O Cinema Português perante o CHEFE

Louvado seja Deus!

O ano de 1940 deixa-nos, a todos nós, portugueses, recordações bem mais gratas que a todos os demais povos da terra. Não nos levem a mal que o proclamemos com certo orgulho, embora temperado pela nossa humilíssima gratidão à Providência. Que o nosso orgulho vem de termos sabido merecer, pelo menos neste ano áureo que findou, a paz que nos reconforta. Merecemo-la pelo trabalho e disciplina do povo, pela ponderação e inspiração do Chefe, por termos sabido encontrar no Passado glorioso o fundamento do Presente e as diretrizes do Futuro.

Graças a Deus! Graças a Salazar!

O Cinema, espelho da vida, não podia, no exercício da sua missão essencial, deixar de reflectir, aqui como em toda a parte, o espectáculo humano que o rodeia. E se os laboratórios de Berlim nos remetem paradas e batalhas, os de Londres exemplos de civismo e imagens de ruínas, os de Nova Iorque reflexos multiformes duma civilização febril que na Europa vai desaparecendo sob um véu de fumo mortífero, os laboratórios de Lisboa lançam para os «écrans» as flôres de Guimarães, os pavilhões serenos de Belém, o trabalho delicado das filigranas e das rendas, cantigas vibrantes como aclamações e aclamações harmoniosas como cantigas...

Não queremos dizer muito, nesta alvorada de Ano Novo — que a nossa fé inabalável nos assegura dever ser, para nós, um Ano Bom. Preferimos concentrar-nos num silêncio de místico respeito, em que saudamos inclusivamente os que se batem pelos seus ideais próprios, certos de que Deus dará a vitória a quem melhor a merecer.

Só queremos romper esse silêncio para rogar ao Chefe que não desapareça a Cinematografia Portuguesa, neste momento em que, da nossa paz interior podem nascer sei lá que maravilhosos cometimentos. Que êle compreenda que nenhum porta-voz mais forte e mais legítimo que o Cinema pode levar a toda a parte a sua Lição e o nosso Exemplo. Mas, para que o faça, precisa o nosso Cinema de viver numa atmosfera mais desafogada, mais limpa, e ter os pés melhor assentes no chão. E como bastaria uma palavra sua para que assim fôsse, gostaríamos de lha ouvir proferir neste ano que começa.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

dias depois do dia em que se celebra o nascimento de Jesus Nosso Senhor, que no ano da graça de 1895 os irmãos Lumière apresentaram em Paris, nas caves do Grand Café, o primeiro espectáculo cinematográfico.

Pensámos em solenizar tal data como convinha. Mas os afazeres do número especial e o transbordar de iniciativas já tomadas impossibilitaram-nos de o fazer na escala apropriada, a única que admitiriamos. Roma e Pavia não se fizeram num dia. Guardamos portanto para o ano de 41, agora começado sob tão bons auspícios cinematográficos, a primeira celebração entre nós da data festiva, com um espectáculo sensacional cujo programa já delineamos. Porque as coisas, para serem feitas como devem ser, não se improvisam nem atamancam.

■ H. G. Wells

Vindo dos Estados Unidos e a caminho de Londres, chegou a Lisboa, a bordo do «Excelsior», o célebre escritor inglês H. G. Wells, autor dum dos livros que melhor se prestaram à adaptação cinematográfica: «O Homem Invisível». Menos feliz num argumento original que escreveu e super-visou, H. G. Wells é, no entanto, um propagandista fervoroso do cinema, um «cinéfilo» na nobilíssima acepção que sempre conferimos à palavra, e que é a única de admitir. Por isso, tanto como pela sua glória literária, saudamos os seus vigorosos

74 anos, desta tribuna humilde, mas, acima de tudo, «cinéfila» à face do Eterno.

■ Silva Nogueira

Quem conhece a técnica de «montagem» da rotogravura compreende perfeitamente que pode «escapar» uma celofane com um nome. Foi assim que desapareceu o nome do fotógrafo a quem se deve o excelente retrato de Maria da Graça que publicamos na capa do número de Natal, bem como os três óptimos instantâneos da entrega da primeira carta recebida pela jovem interprete de «Porto de Abrigo»: Silva Nogueira. Mas êle, que é cinéfilo, e assinalante do «Animatógrafo», e nosso amigo de verdade, sabe que não o fizemos de proposito. E, se não o soubesse, aqui teria a prova da nossa muita admiração.

■ Carole Lombard, sem mistura

Há quem suponha que «Animatógrafo» delatou o paulito abaixo, como usa dizer-se, com a capa do último número, publicando um retrato de outra artista e «julgando» ser de Carole Lombard. Não tenham dúvida: por mais semelhanças que lhe encontrem, é a Carole Lombard em pessoa, sem mistura e com o «caval» da Rádio-Filmes. Por sinal — um estuendo retrato.

Qualquer dia publicamos uma fotografia da Katherine Hepburn — e são capazes de dizer que é a do nosso director!...

A PÁGINA DOS NOVOS

ONTEM FUI AO CINEMA

Pois é verdade... ontem fui ao cinema! Isto nada tem de extraordinário pois que não raras vezes me acontece este agradável precalço. De forma que, o facto de eu ontem ter ido ao cinema nunca poderia ser motivo desta prosa, se outra coisa ainda mais agradável, não me tivesse sucedido.

Mas... não precisamos os acontecimentos!

Após o jantar, por sinal um óptimo jantar mesmo para qualquer gastrónomo que se preze, consultei a minha «cebola» (da influência dos tempéras da refeição), ajulzei da distância a que estava do Tivoli e disse para os meus botões: «Não perderemos esta estreia». E com a completa aquiescência daqueles bisbilhoteiros (tenhamos em vista que assim que entram em casa se põem à janela) «ataquei» o trajecto com toda a energia disponível, visto que a maior parte dela se empregava numa laboriosa digestão.

Cogitando, subi a Avenida. Sim! Eu, como qualquer primata, cioso da sua condição de animal superior, às vezes cogito, Cogito no preço de três horas de diversão, no custo daquele papelinho que apresenta o argumento da fita aos que não gostam de novidades e querem estar prevenidos para o que der e vier; em suma, penso na maquia que tenho a dispender antes de es-

tar instalado. Mas ontem, parecia que todos os sacrifícios financeiros que eu pudesse vir a fazer, todas as constipações que pudesse vir a agarrar, tudo eu suportaria com o maior estoicismo, só porque passados momentos me surgiria na tela, uma figura; a Ginger.

Loura ou morena, a dançar ou a representar, que me importava, eu queria só que fosse a Ginger...

Finalmente, tudo acabou em bem. O Joel é um rapaz às direitas!

A «tela» deixou de estar animada, as luzes acenderam-se, e eu preparei-me para sair.

Já estou na rua, faz frio eu trato de estugar o passo. Quero chegar cedo à doce tepidez da cama. Mas, eis o imprevisto! Por alturas dos Restauradores, ouço atrás de mim, uma voz muito minha conhecida; volto-me, de repente, e vejo, em carne e osso (como se diz agora) a Ginger Rogers, que com o seu melhor sorriso me saudava: «Hello, Sepúlveda?» Fiquei banzaído. Eu tinha aprendido no meu «Inglês sem Mestre», que «hello», era o grito com que se acaçavam os cães, mas que podia ser tomado por uma interjeição que correspondia às nossas: eh! olá! oh! No primeiro momento, não percebi se estava a ser acalado, se a ser «interjeitado» (perdõem o neologismo), nas ante a cara risonha da vedeta.

não tive mais dúvidas: estava a ser cumprimentado.

A custo e, cerimoniosamente, consegui balbuciar: «How do you do, Miss Rogers?» Mas ainda não tinha completado a frase já sentia que a «estrela» me dava o braço, com um à-vontade, naturalíssimo para uma americana, mas a que eu não estava habituado.

Belisquei-me repetidas vezes. «Não estaria eu a sonhar?»

Nem os jornais tinham dito nada, nem naquele dia tinha chegado o «Clipper»; Como seria possível que só eu tivesse esta aventura?

As ideias atropelavam-se-me na mente, as perguntas, que faço a mim mesmo, sucedem-se: «Donde me conhecerá a Ginger?»

«Que fará ela pela Europa?»

No entretanto a mimica entra

em acção (com a comoção esquecida de todo do inglês que aprendi no liceu e no livro do sr. Bensa-bat). «Que faz por Lisboa?» «Olhe que uma menina, digna desse nome, não passela sôzinha a estas horas, digo eu muito senhor do meu papel. Não obtenho resposta a esta sentença, o que não admira dada a nacionalidade da artista. E a conversa prossegue.

Estou cada vez mais encantado... e em tão bela companhia passei uma noite encantadora.

Isto tudo sonhei eu, acordado, à força de contemplar a capa do «Animatógrafo» desta semana. Cai em «extase» ou coisa parecida...

Dezembro de 1940.

SEPÚLVEDA

Uma carta do «Par Invisível»

Cinéfilos:

«Se chegarem a ler esta carta nas colunas de Animatógrafo, devem-no à paciência evangélica de Lopes Ribeiro, que ao lê-la conseguiu chegar ao fim sem adormecer»

O Cinema Nacional, é o tema desta missiva; porém, não poderemos começar a falar nele, sem primeiro trazer à «berlinda» os seus «fabricantes».

A maioria dos realizadores nesta cidade de mármore e granito, fazem-nos lembrar aquele nosso amigo, que almoçava «bacalhau com batatas», e jantava «batatas com bacalhau!»

Isto é: alguns dêles, pecam por excessivo patriotismo; querem mostrar ao estrangeiro que nós, os portugueses, andamos constantemente a dançar o corridinho, o vira, o bailarico solo, e a jogar o pau por tudo e por nada...

Por pequeninos «nadados» e «aquês» é que certos filmes são criticados. Não se pode atribuir isto à falta de Capital, mas sim ao pouco cuidado na revisão final.

Não será talvez, um pouco de falta de atenção, vermos no começo dum filme, um galá que é carteiro, e na parte final do mesmo alegar não poder ser contratado para o cinema por não saber ler?

Já viram uma lavadeira da Malveira, fazer propaganda de algum Instituto de Beleza

Parece-nos que não...

São êstes e outros «precalços» que fazem com que um filme que poderia ser bom seja criticado por muita gente.

Que queremos nós?

Queremos filmes nacionais que se possam comparar aos estrangeiros, porque, no momento actual de incertezas e imprevistos, Lisboa, se tivesse a sua indústria cinematográfica desenvolvida devidamente, tornar-se-ia, cremos, num grande centro cinematográfico europeu. Condições não nos faltam, e muito menos sítios maravilhosos para filmagens.

Porque será, então que, existindo locais soberbos para filmar, muitos dos nossos realizadores, preferem o Bairro dos Castelinhos, a Mouraria, a Malveira e lugares idênticos?

Será por serem considerados «momentos nacionais»?

Mas o estrangeiro que não conheça a nossa terra julgará que Portugal inteiro se compõe somente dos Bairros supracitados.

Conclusão: nós achamo-lo interessante por ser português; mas o estrangeiro acha-o terrível!

Muitas mais coisas diríamos, se imitássemos a Garbo na «Ninotchka»; mas, disso poderia sobrevir um grave conflito...

E correríamos o risco de ser presos como agitadores da 7.ª Arte...

PAR INVISÍVEL

CORREIO DOS NOVOS

R. CONSTANTINO. — Tirando um ou outro exagero, que o seu entusiasmo desculpe mas que o seu senso crítico deveria reprimir, a série de artigos que nos enviou tem interesse, e merece ser publicada parcialmente. Compare o que sair com a cópia que os cortes só beneficiam o conjunto.

A. R. F. — Interessam-me sempre os argumentos originais. Quando tiver o seu concluído, mande-mo, que o lerei com a maior atenção. Mas não tenha ilusões: não será fácil que o A. L. R. possa realizá-lo com a rapidez que a sua impaciência ambiciona.

ANGELO MANUEL. — Muito agradeço a sua carta. Pela sua parte nada tem que agradecer. Para que o «Clube» possa ter actividade no Pórtico é preciso que o número de inscrições o justifique. Faça propaganda, consiga aderentes, e verá que não o deixamos ficar mal. Quanto a prémios para o Cinema Português, não pensemos nisso por enquanto. Ainda não há em cada ano número de produções suficientes para que a competição tivesse qualquer interesse.

ARMANDO BLANCO. — Muito bom, o seu artigo sobre o Cinema Português! Arriba êle! Será publicado quanto antes. Pena é que nem todos vejam as coisas como você.

VISCONDE DO BELO CAIS. — Com certeza que não imaginou que um jornal de propaganda cinematográfica poderia publicar um artigo contra o cinema. A sua especiosa teoria, com hormonas e outras coisas complicadas, não é comparatada por nós. Já reparou que, muito antes, de haver cinema, já havia criminalidade infantil? Acredite que o ambiente doméstico e a educação têm bem mais decisiva influência nas crianças que um espectáculo onde o bem sempre triunfa do mal. Depois, é aos pais que compete fazer a selecção dos espec-

táculos sob o ponto de vista que tanto o preocupa.

GARRIAPA. — Para nós a existência em que conta a maneira como conheceu «Animatógrafo» tem o maior interesse. Mas acredita que ela possa interessar aos nossos leitores? Publicá-la, seria duma vaidade, duma presunção que não está nos nossos hábitos. Tenha paciência.

EELZNYAY (?). — O seu «Protesto!» é oportuno e será publicado, logo que nos mande um pseudónimo decente para o assinar. O que escolheu é confuso e mais parece pseudónimo de charadista que de cinéfilo.

MIRA TORRE. — Uma série de perguntas como a que mandou não constitui propriamente um artigo. Mais interessantes são as respostas, que aliás lhe vamos dar: Daniele Darrieux não voltou a trabalhar na Universal porque o seu contrato com Gregor Rabinovitch lho não consente antes de 1943. Mas vai trabalhar na R. K. O., que fez um acordo com aquele produtor.

ROUXINOL CINÉFILO. — Uma simples resposta ao Concurso da Aliança-Filmes não tem interesse bastante para ser publicada, salvo se tiver o espírito da de Antero Faro.

CONDE MISTERIOSO. — O assunto de que trata na carta é bem mais interessante que os que trata nos artigos. No entanto, dois dêles merecem publicação. Veja se faz um outro onde nos conte as condições do cinema na provincia, a avaliar pelo que se passa em Lamego. Veja também se arranja um pseudónimo menos espositivo — e se escreve dum só lado do papel! Também é indispensável mandar o nome autêntico e a morada.

A. S. TORRES. — Já deve ter lido a resposta à sua primeira carta no último «Correio». Agora — aguarde.

RETARDADOR

COMO ADMIRO O CINEMA PORTUGUÊS

Como em todos os países onde se faz cinema há filmes melhores e piores, o mesmo sucede com o nosso cinema, onde temos visto obras razoáveis e até mesmo algumas boas.

É certo que em alguns filmes portugueses se notam erros, alguns dêles devidos à pouca prática dos intérpretes, outros à rapidez e irregularidade com que decorrem as cenas.

São essas as faltas quasi exclusivas que encontramos nos filmes nacionais.

Mas, se todos nós pensássemos no esforço e no trabalho consumidos para se conseguir um filme e sobretudo um filme português, em que há a preocupação do acolhimento que lhe dispensará um público exigente como o é o nosso público, veríamos que realizar um filme aqui, exige um pensar e um cuidado dignos de louvor.

A maior parte dos filmes portugueses são populares, o que aumenta as chances, pois êste fá-lo o produtor para o povo os sentir, para o fazer vibrar e divertir-se ao mesmo tempo.

Para que o público os compreenda, há que recorrer a certas transigências. Fazer um bom filme português não é tão fácil como à primeira vista pode parecer aos cinéfilos pretenciosos.

M. J. S.

CINEMA PORTUGUÊS

É preciso manter e aperfeiçoar

as «estrêlas» dos nossos filmes

Um artista não se improvisa: é produto duma longa preparação

A propósito do que dissemos nestas colunas, no último número, uma carta de certo leitor trouxe até nós um protesto que já não é inédito. «Manter e conservar os nossos «astros» e as nossas «estrêlas!» — diz — «Esquecem-se de que F. é a negação do actor e de que S. nem sequer se aproxima duma sofrível amadora dramática?»

Não o esqueçamos e sabemos bem quanto valem todos aqueles que vieram atraídos pelo clarão do nosso cinema. Uma pergunta, contudo, nos interessa fazer ao leitor assíduo que nos escreve: quando e em que circunstâncias pode ele garantir que «F. é a negação do actor» e que «S. nem sequer se aproxima duma sofrível amadora dramática?» Quando é que se pode afirmar que um principiante não tem condições para vir a ser um talento?

Balzac era tão mau romancista, nos seus princípios, que chegou a desistir de escrever. Só muito mais tarde criou essa prodigiosa galeria da «Comédia humana». E quem se não lembra da estrela de Gustav Fröhlich em «Metrópolis»? Que mau actor! — pensou-se e disse-se com razão. Todavia, que agradável artista se formou com o correr do tempo! Não devemos julgar superficialmente, fiando-nos nas aparências. O protesto do leitor assíduo não é, portanto, ao que nos parece razoável.

Olhar uma superfície não é, analisar uma alma. Napoleão, baixo e obeso, tinha fibra de imperador. Alexandre, Horácio, Byron eram de estatura meã. Diz-se que Sócrates tinha fisionomia dum cretino. O prodigioso actor Lekzin, glória do teatro inglês, era feio e desleigante. As mulheres fugiam dele na rua mas adoravam-no no palco. O actor francês Potier não tinha figura e, segundo o seu biógrafo, a sua voz assemelhava-se a um sopro. E aqui temos como uma análise superficial poderia ter privado o mundo dum Napoleão, dum Alexandre, dum Horácio, dum Lekzin.

Se para obter o canudo de lata com o diploma, o estudante trabalhou desde a meninice até a barba lhe sombrear a face, gastando nessa luta a sua infância e a sua adolescência, o principiante arrancado bruscamente ao seu meio e lançado não menos bruscamente num estúdio, não tem, por mais que o deseje, os recursos, o saber, a prática para representar, para se mover diante da câmara, para falar diante dos microfones, para ter o a vontade e a segurança dum actor estrangeiro.

A simplicidade, embora o não pa-

reça, é sempre o mais difícil de obter. Qualquer realizador pode deslumbrar o público mais exigente dando-lhe, por exemplo, um choque de comboios, complicado à vista, com muitos planos, com montagem rápida. Mas o que poucos lhe poderão dar (e esse segredo pertence aos americanos) é a cena total do choque, filmada num único plano, sem artificios aparentes ou truagens inúteis. A cena, apresentada deste modo, é muito mais difícil de fazer, mas tem um tal aspecto de facilidade que o público acha bem, embora não fixe a atenção.

Ora, estes resultados conseguem-se com longos anos de prática, de estudo e de saber. Tal qual como na arte de interpretar. O actor não se improvisa: trabalha-se, prepara-se, «faz-se». É fruto duma canseira diária, constante, que dura anos. O actor precisa de que lhe ensinam a andar, a estar, a falar, a olhar, a ouvir, a expressar-se, a sentir (ou a simular que sente)... Podemos contar uma história verdadeira e curiosa cuja protagonista foi uma «estrêla» cadente: Anna Sten.

Anna Sten já era actriz de nome quando foi parar à Alemanha. Consagrada, recebeu um dia contrato para Hollywood. Na Meca do cinema, a artista que atravessara a Europa como uma «certeza», passou a ser apenas uma esperança.

Durante dois anos, Anna Sten foi «trabalhada» quotidianamente: ensinaram-lhe o inglês, passearam-na pelos melhores hotéis dos Estados Unidos, deram-lhe mestres da

arte de representar, publicaram-lhe retratos em centenas de jornais e revistas. Mas Hollywood é exigente — porque tem de servir o Mundo — e não perdoa. Após dois anos de trabalho insano e uma despesa fabulosa para «lançar» a artista, Anna Sten não correspondeu. Abandonada por Goldwyn, foi abandonada pelos produtores de filmes de Hollywood. Acabou por se fixar num dos mais modestos estúdios da capital do cinema.

Hollywood, tendo de satisfazer um mercado universal, reconheceu que uma artista consagrada na Europa nem sempre, mesmo depois de «reenxada», pode ser consagrada pelo mundo. Decerto não será difícil avaliar o que foi o trabalho exaustivo da actriz russa na América, durante dois anos, para preparar um filme.

Dois anos! e em Portugal lançam-se neófitos para diante das câmaras de filmar e vem um senhor e diz: «Não tem jeito! Nós vemos o Gary Cooper representar e é um gosto! Vemos a Irene Dunne e ficamos encantados! E os nossos, cotados, até nos obrigam a estar torcidos nas cadeiras!»

É verdade, mas se o nosso cinema tivesse a continuidade que se reclama há anos e se os nossos «astros» e as nossas «estrêlas» ti-

vessem trabalho diário — como verdadeiros profissionais e fizessem do cinema um sacerdócio, uma vida de sacrifício e não um devaneio romântico da adolescência — um dia, muitas dessas promessas poderiam ser espantosas e deliciosas realidades. Ou não está disso convencido o nosso leitor que protesta? o nosso leitor que, com certeza, faz versos nas horas vagas... Faz versos e não é, que sabemos, um Verlaine, nem um Fernando Pessoa, nem um Junqueiro... Vê?

Poderíamos dizer-lhe agora: não faça versos... Mas porque? quem nos garante que amanhã não temos de apiar a estátua de Camões para a substituir pela sua?

Mais uma vez insistimos: haja continuidade, haja profissionalismo! Representar é difícil, tão difícil que o próprio nível de interpretação de Greta Garbo nem sempre é o mesmo e Robert Donat levou anos para um dia nos poder dar a inesquecível criação de «Adeus, mister Chips!»

Esperamos que um dia todos nos acreditem que não é preciso variar constantemente de elementos, mas sim manter os que estão e aperfeiçoá-los, e melhorá-los para honra e glória da cinematografia portuguesa.

MOTA DA COSTA

VER OUVIR... E FALAR

Há precisamente oito anos, um grupo de pessoas trabalhava, entusiasticamente, na realização de uma ideia generosa, patriótica, utilíssima. Levados pelo seu sonho viram-se logo envolvidos, em toda a sua nitidez, por certo aspecto bem característico do nosso tempo: a inveja.

O que se inventou, o que se disse, o que se escreveu! Criaram-se, até, lendas terríveis, pressagiando desastres, ruínas, derrocadas! A má língua indígena inventara que o estúdio não ia por diante. E chegou-se a dizer que os muros não aguentavam o telhado.

Era um nunca mais acabar de aboirdas, de novas notícias tetricas, no fundo de certos cafés, havia meia dúzia de sujeitos que fabricavam à sucapa essa espécie de moeda falsa para logo a pôrem a circular, muito satisfeitos com eles próprios.

Esse grupo de homens, cujos nomes não importa pois basta que os apreciemos pela sua energia, não ligou meia às conspirações. Nem sequer reagiu com uma publicidade clara, insofismável, que dissipasse a intrigalhada tão espessa como um nevoeiro de Londres.

Deram tempo ao tempo. Preferiram, antes de mais nada, pôr o estúdio de pé. E andaram bem, porque concorreram da maneira mais indicada para a criação da indústria do cinema português.

Nós próprios fizemos alguns reparos. Discordámos de algumas medidas. Mas não nos roí a consciência de termos atraído a ideia generosa do estúdio ou a vastidão da sua missão. Discordar não é duvidar...

Nos anos, que se seguiram, muitas coisas se registaram. Houve emulações à vista, houve confusão, houve desinteresse — mas nós

continuámos sempre fiéis ao nosso optimismo, esperançados em ver sempre em cada ano novo o sol mais brilhante, a vida mais bela no panorama do cinema nacional. E quando, às vezes, estávamos quasi a desanimar, iam-nos namorar a quinta das Conchas e, com os olhos raios de optimismo, visitar certas exposições das Belas Artes...

Assim, alimentei o meu fôgo sagrado durante anos e, assim, continuei a alimentá-lo. Podem chamar-me louco, mas não desisto da certeza de que a industria dos filmes portugueses acaba por ter a regularidade matemática de uma máquina perfeita. Não terá, evidentemente, os horizontes vastos dos exemplos estrangeiros, mas tudo acabará por entrar nos eixos.

Entretanto, continuamos a esperar, na primeira linha, firmes no nosso optimismo de cinéfilo veterano, por dever de officio que vem desde o tempo das ilusões.

Lentamente, (a própria estreiteza do mercado não é alheia ao facto) o cinema português lá vai subindo a difícil ladeira que começou a trilhar há oito anos. E há-de chegar lá cima — mesmo que para isso tenhamos de registar mais emulações à vista...

AUGUSTO FRAGA

ANIMATÓGRAFO não se julga na obrigação de criticar todos os filmes que se exibem entre nós.

A omissão de alguns não representa necessariamente uma atitude critica determinada.

CARTAS DUM CINÉFILO

Director dum anjo:

Estou contentíssimo. Com que então o meu pai, que não podia com o cinema também já é cinéfilo! Isto é uma grande vitória para nós. Ponha-o lá em sócio do «Clube do Animatógrafo», que ele é cinéfilo dos antigos, pois até viu o «Contramestre Incendiário».

Agora o que eu não sei é se ele lhe escreveu esta semana porque a minha mãe descobriu tudo e pôs-lhe um olho à Belenenses. Lá no talho o meu pai até nem tem roubado no péso porque só vê com um olho e a minha mãe anda lá por casa a dizer que vai escrever ao Clark Gable a pedir-lhe o retrato.

Aquilo é conversa; é só para fazer ciúmes. E ainda a minha mãe não percebeu que o meu pai pediu o retrato dum homem. Sim porque Melvyn é nome masculino. O meu pai fez mal em não me ter falado antes de escrever porque eu, que já sei o meu bocado de americano tinha explicado que Melvyn é nome de homem e Greta é de mulher. Se a minha mãe descobre esta confusão estou convencido que se dá uma vaga na classe dos cortadores.

Mas como lhe digo isto é uma grande vitória para nós. Conquistámos mais um cinéfilo. Já descobri que o meu pai vai duas vezes por semana ao cinema. No dia de Natal foi ver o «Primeiro Amor de Gata Borracheira» e diz que a Deanna é carne limpa; depois disse foi ver o «Robin nos Bosques» e diz que o Errol Flynn é pojadouro do melhor. Ele agora anda com vontade de ver uma fita portuguesa, mas eu estou com medo que ele depois perca o entusiasmo que tem pelo cinema e diga que as nossas fitas são do lado da cabeça.

E eu ando cá com uma ideia que não me parece má. Vou ver se convengo o meu pai a trespassar o talho com balanças e tudo para depois financiar uma fita que eu realizaria. Com o lucro da fita ele depois compra outro talho. Que tal a ideia? Não é má, pois não? Estou convencido que com mais duas ou três pessoas de iniciativa como eu em breve o Lumiar seria a Hollywood portuguesa.

Sem mais receba um abraço meu e outro do meu pai.

Ignácio da Purificação

P. S. Isto de trespassar o talho por enquanto fica entre nós. Como sabe o meu pai é um bocado bruto e pode não perceber que isto da fita é de lucro garantido e é capaz de seingar em mim do que a minha mãe lhe fez.

I. da P.

A GALERIA DO «ANIMATÓGRAFO»

Este número inclui dois Retratos-Brinde que não podem ser vendidos separadamente, e que todos devem exigir aos vendedores deste jornal.

VIDA CORPORATIVA

OS CURSOS E OS GRÉMIOS

É já depois de amanhã que se realiza a primeira aula dos Cursos do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema. A iniciativa demonstra assim não ser simples fogo-de-vistas, promessa vá para associado ver. Aliás, a actual Direcção do Sindicato tem provado numerosas vezes que não se contenta com promessas. As coisas que ainda não conseguiu realizar — e entre elas avulta, como a mais importante, o contrato colectivo — realiza-las-a no momento que julgar mais oportuno e mais próprio a obter as regalias a que os profissionais têm jus. Bastaria a complexidade de tal contrato, que deve abranger todas as categorias dos três ramos da actividade cinematográfica — produção, distribuição, e exhibição — para justificar longa ponderação e aturado estudo. Exemplos há de contratos feitos à pressa que se revelaram mais prejudiciais do que benéficos.

Embora nos tenhamos já ocupado largamente dos referidos Cursos, há esclarecimentos inéditos que de-certo interessam sindicatos e leitores.

O Curso de Projeccionistas compreende três disciplinas:

I — ÓPTICA E FÍSICA CINEMATOGRAFICAS (entendendo-se por esta designação a parte da Óptica e da Física Geral que se aplicam directamente à Cinematografia). — As lições teóricas serão ministradas pelo sr. António Barata, aluno do Instituto Superior Técnico.

II — MECÂNICA E DESENHO DE MAQUINAS (aplicados também à Cinematografia). — Dirige as lições teóricas o sr. Arlindo de Macedo, também aluno do I. S. T.

III — ELECTRICIDADE GERAL. — A teoria será leccionada pelo sr. Plácido Pires, condiscipulo no I. S. T. dos outros leccionadores.

Nunca será demais salientar a dedicação destes três estudantes, a quem o Sindicato e o Cinema Português ficarão devendo um alto serviço.

A parte prática das três disciplinas indicadas será leccionada pelos srs. Américo Alves Vieira (Mecânica), Joaquim Teixeira (Projectão fotográfica e sonora) e Alberto Tavares (Electricidade), três projeccionistas de reconhecida competência e que gozam da estima e consideração de todos os seus camaradas. A prontidão com que aceitaram o encargo não tão ameno quanto pode parecer — é tanto de louvar como a dos restantes dirigentes do Curso.

As aulas realizam-se todas as segundas, quartas e sextas e começam às 18 horas.

As aulas do Curso de Revisoras também começarão muito próximamente.

Tivemos há dias uma conversa com um director dum Grémio cinematográfico. Queixou-se-nos amargamente da «atmosfera» reinante no organismo corporativo que dirige. Infelizmente a maioria dos associados — dizia-nos — não compreende que vivemos em época muito diversa daquela em que começaram a negociar. Mesmo aqueles de fundação relativamente recente deveriam sentir, pela simples leitura dos jornais, que os tempos mudaram muito — e que vão mudar mais ainda. O corporativismo será, amanhã, a única doutrina aceita para reger as relações de capital e do trabalho, o único sistema capaz de equilibrar interesses de patrões e de empregados.

— Porque será que há quem teime

em viver numa época que não é a sua?

E o nosso interlocutor relatava amargamente as dificuldades com que se debatia para reunir um número suficiente de associados para tomar a mais singela resolução.

Preguntámos, admirados, se isso era necessário. Uma direcção precisa de reunir muitos associados — o que corresponde, praticamente, à convocação duma assembleia geral — para resolver sobre os assuntos pendentes? Então porque é direcção, e eleita exactamente por esses associados, uma vez por ano?

Sorriu. Encolheu os ombros (presumimos que encolheu, porque a conversa era telefónica).

Ficámos tristes.

Não julgamos possível sair duma incerteza geral sem o recurso à organização corporativa. E, se ela existe, não julgamos prático, pelo menos, procurar qualquer outra solução.

Porque foi tudo isto o que nos disse o dirigente dum Grémio cinematográfico.

E, se não disse exactamente isto — deveria ter dito, porque sabemos que é assim.

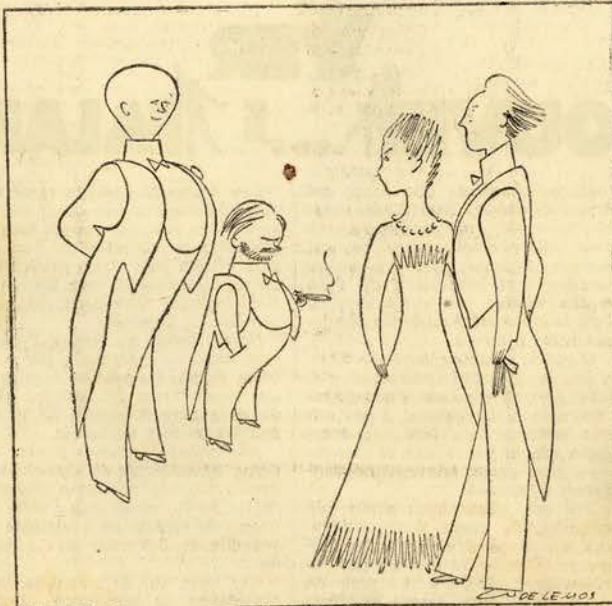


O conhecido produtor Rod Chicken, a quem o cinema deve, entre outras coisas, algum dinheiro, elaborou uma tabela de ordenados para os elementos que trabalham nos filmes, com a qual poderá fazer cinema a preços populares. A tabela não está, ainda, completamente elaborada e encontra-se em estudo, sendo possível que sofra ainda algumas reduções. No entanto, em principio, os ordenados são os seguintes:

Realizador, magro	2350
Realizador, gordo	3200
Operador	1575
1.º Assistente	1380
2.º Assistente	890
Galá	2325
Vedeta	3800
Outros artistas	1845

Nesta tabela não estão incluídos os impostos profissional e do desemprego, que serão pagos pelo próprio. O operador, que tem o ordenado mais chorudo, terá a seu cargo a compra do filme e a limpeza das máquinas. É possível que os ordenados dos assistentes venham ainda a ser reduzidos posteriormente, pois na opinião de Rod Chicken como só para assistir ainda devem pagar por cima... Também é possível que os ordenados dos realizadores sofram alterações, pois na opinião do mesmo produtor um realizador gordo pode muito bem estar uns dias sem comer, pois tem no corpo calorias suficientes para fazer dois filmes. Esta medida é digna dos maiores incrementos a indústria do cinema. O mesmo produtor está, também, na disposição de, caso esta tabela seja aceita, o que é quasi certo, pois ela é justa, de pagar os enterrós dos contratados que faleçam completamente durante as filmagens, com a condição de o contemporem nos respectivos testamentos. O HOMEM SOMBRA

O PEQUENO E O GRANDE



— Aquele que ali está é um grande realizador.
— Qual? O careca?
— Não, o outro. O de cá é um pequeno realizador sem importância.

OS FILMES

- «ADEUS, MISTER CHIPS!»
(Good-bye, Mister Chips! — M. G. M.)
- «ALIANÇA DE AÇO»
(Union Pacific — Paramount)
- «ASSIM NASCEU O CINEMA»
(Hollywood Parade — Fox)
- «AS AVENTURAS DE ROBIN DOS BOSQUES»
(The Adventures of Robin Hood — S. I. F.)
- «DE BRAÇO DADO»
(Babes in Arms — M. G. M.)
- «O FEITICEIRO DE OZ»
(The Wizard of Oz — M. G. M.)
- «O FIM DO DIA»
(La Fin du Jour — S. I. F.)
- «FUI UMA AVENTUREIRA»
(J'étais une aventurière — S. I. F.)
- «A GRANDE VALSA»
(The Great Waltz — M. G. M.)
- «IDILIO MUSICAL»
(Broadway Melody of 1940 — M. G. M.)
- «INTERMEZZO»
(Intermezzo — Sonoro Filme)
- «JUSTIÇA DE JESSE JAMES»
(Jesse James — Fox)
- «OS LOUCOS DIVERTEM-SE»
(Idiot's Delight — M. G. M.)
- «MALDIÇÃO DA INDIA»
(The Rains Came — Fox)
- «MEU FILHO E MEU RIVAL»
(My Son, My Son — Sonoro Filme)
- «O MONTE DOS VENDAVAIS»
(Wuthering Heights — Sonoro Filme)
- «MULHERES»
(The Women — M. G. M.)
- «NINOTCHKA»
(Ninotchka — M. G. M.)
- «NOSSA SENHORA DE PARIS»
(The Hunchback of Notre Dame — Rádio)
- «OUVEM-SE TAMBORES AO LONGE»
(Drums among the Mohawk — Fox)
- «PARAÍSO INFERNAL»
(Only Angels have Wings — Aliança)
- «PIGMALEÃO»
(Pigmalion — Nacional Filmes)
- «PINOCCHIO»
(Pinocchio — Rádio Filmes)
- «O PODER DAS TREVAS»
(Night Must Fall — M. G. M.)
- «PRIMEIRO AMOR DE GATA BORRALHEIRA»
(First Love — Filmes Alcântara)
- «QUANDO O OUTRO DIA CHEGOU»
(When Tomorrow Comes — Filmes Alcântara)
- «AS QUATRO PENAS BRANCAS»
(The Four Feathers — Sonoro Filme)
- «O REGRESSO DE FRANK JAMES»
(The Return of Frank James — Fox)
- «SINFONIA DOS TRÓPICOS»
(Down Argentine Way — Fox)
- «SOMBRAS DA RUA»
(Primrose Path — Rádio Filmes)
- «AS TRÊS RAPARIGAS CRESCERAM»
(Three Smart Girls Grow Up — Filmes Alcântara)
- «A VIDA DUMA OUTRA»
(Stolen Life — Paramount)

Cumprindo o programa anunciado no nosso último número, publicamos hoje as listas dos filmes e dos artistas candidatos a Taça e às medalhas de «Animatógrafo». A primeira foi elaborada pelo Júri de Admissão, sobre as relações de todos os filmes estrangeiros estreados em Lisboa em 1940, fornecidos pelas casas distribuidoras. Escrevemos «estreados em Lisboa» e não «em Portugal» (ao contrário do que se fizera no número anterior), por se ter verificado que seria praticamente impossível considerar também os filmes apresentados no Porto pela primeira vez em Portugal, e que, nesta altura, Lisboa ainda não viu, o que impede o júri de os julgar.

Portanto, fica entendido que tanto os filmes como os artistas candidatos foram se-

Os candidatos À TAÇA E ÀS MEDALHAS do «Animatógrafo»

leccionados apenas entre os apresentados em Lisboa de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de 1940.

Convém observar o seguinte, para evitar confusões: o facto de determinado filme não ser candidato à Taça do «Animatógrafo» não impede que uma interpretação notável desse mesmo filme seja candidatada à Medalha respectiva. A simples comparação, aliás, das listas de candidatos que hoje publicamos, escla-

reia devidamente este ponto.

reia devidamente este ponto. Durante a reunião do Júri de Admissão, realizada para se seleccionarem os candidatos, foi levantado um problema da maior importância — ao qual, por isso mesmo, não queremos deixar de fazer aqui referência. A questão largamente discutida, pode resumir-se nas seguintes perguntas: Deverá candidatar-se «Pinocchio» no mesmo pé de igualdade dos outros filmes, e a figura do «Sr. Grilo» como qualquer outra grande interpretação deste ou daquele actor?

O problema levantou largo debate, acesa controvérsia. Houve quem argumentasse no sentido de uma resposta negativa, tanto num caso como noutro; houve quem defendesse a candidatura de «Pinocchio» e não admitisse a do «Sr. Grilo»; e houve quem se batesse pela candidatura de um e de outro. Poderá avaliar-se a soma de argumentos utilizados, a vivacidade que o debate alcançou — apenas pelo enunciado acima traçado... Não cabe aqui fazer sequer o resumo da discussão, do choque de opiniões verificado. Ele teve, aliás, interesse mais do que suficiente para merecer num dos próximos números a honra de uma página do «Animatógrafo». Por agora basta dizer que os sete redactores da nossa revista que compõem o Júri de Admissão se puzeram de acordo para terminar a controvérsia com uma votação que resolveu todos os antagonismos sem apelo. Uma vez essa votação realizada verificou-se que apenas dois membros do Júri — Fernando

(Continua na página 17)

OS ACTORES

- AKIM TAMIROFF**
(Pela sua interpretação em «Aliança de Aço», «Vidas Heróicas» e «Uma Mulher Indomável», da Paramount)
- CARY GRANT**
(em «Paraiso Infernal», da Aliança Filmes, e «Minha Mulher Favorita», da Rádio Filmes)
- CHARLES LAUGHTON**
(em «Nossa Senhora de Paris», da Rádio Filmes)
- CLARK GABLE**
(em «Os loucos divertem-se», da M. G. M.)
- DAVID NIVEN**
(em «Raffles» e «O Monte dos Vendavais», da Sonoro Filme, e «Maezinha à Força», da Rádio Filmes)
- DON AMECHE**
(em «Assim nasceu o Cinema», da Fox)
- ERROL FLYNN**
(em «As Aventuras de Robin Hood», da S. I. F.)
- GEORGE BRENT**
(em «Maldição da Índia», da Fox)
- HENRY FONDA**
(em «Ouvem-se tambores ao longe» e «O Regresso de Frank James», da Fox)
- LAURENCE OLIVIER**
(em «O Monte dos Vendavais», da Sonoro Filme)
- LESLIE HOWARD**
(em Pigmaleão, da Nacional Filmes, «Intermezzo», da Sonoro Filme, e «A Comédia do Amor», da S. I. F.)
- MELVYN DOUGLAS**
(em «Ninotchka», da M. G. M.)
- MICHEL SIMON**
(em «O Fim do Dia», da S. I. F.)
- MICKEY ROONEY**
(em «De braço dado» e «O novo amor de Andy Hardy», da M. G. M.)
- ROBERT DONAT**
(em «Adeus, Mister Chips!», da M. G. M.)
- ROBERT MONTGOMERY**
(em «O Poder das Trevas», da M. G. M.)
- RONALD COLMAN**
(em «Duas Cidades», da M. G. M.)
- THOMAS MITCHELL**
(em «Paraiso Infernal», da Aliança Filmes)
- VICTOR FRANZEN**
(em «Príncipe de Gales», de Filmes Castelo Lopes, e «O Fim do Dia», da S. I. F.)

AS ACTRIZES

- ALICE FAYE**
(Pela sua interpretação em «Assim nasceu o Cinema» e «O despertar duma cidade», da Fox)
- CAROLE LOMBARD**
(em «Noites de Angústia», da Rádio Filmes)
- CLAUDETTE COLBERT**
(em «Ouvem-se tambores ao longe», da Fox)
- DEANNA DURBIN**
(em «As Três Raparigas cresceram», «A Idade das Ilusões» e «Primeiro Amor de Gata Borralheira», de Filmes Alcântara)
- EDWIGE FEUILLERE**
(em «Fui uma Aventureira», da S. I. F.)
- ELISABETH BERGNER**
(em «A Vida duma Outra», da Paramount)
- GINGER ROGERS**
(em «Maezinha à Força» e «Sombras da Rua», da Rádio Filmes)
- GREER GARSON**
(em «Adeus, Mister Chips!», da M. G. M.)
- GRETA GARBO**
(em «Ninotchka», da M. G. M.)
- INGRID BERGMAN**
(em Intermezzo, da Sonoro Filme)
- IRENE DUNNE**
(em «Quando o outro dia chegou», de Filmes Alcântara, e «Minha Mulher Favorita», da Rádio Filmes)
- JEAN ARTHUR**
(em «Paraiso Infernal» e «Bigamia», da Aliança Filmes)
- JUDY GARLAND**
(em «O Feiticeiro de Oz» e «De braço dado», da M. G. M.)
- MERLE OBERON**
(em «O Monte dos Vendavais», da Sonoro Filme)
- NORMA SHEARER**
(em «Os loucos divertem-se» e «Mulheres», da M. G. M.)
- WENDY HILLER**
(em «Pigmaleão», da Nacional Filmes)

OS GRANDES INQUERITOS DO "ANIMATOGRÁFO"

Quais os romances portugueses prósrios à adaptação cinematográfica?

JÚLIO DANTAS, AGOSTINHO DE CAMPOS, AQUILINO RIBEIRO, MANUEL RIBEIRO, FERREIRA DE CASTRO, VITORINO NEMÉSIO E GASPAR SIMÕES

respondem à pergunta do nosso colaborador **CONSIGLIERI SÁ PEREIRA**

Algumas semanas de trabalho. Melhor: — de preocupação. Instrumentos: o telefone, o «eléctrico», o «táxi», o bilhete postal e, finalmente... as pernas. Mas todos aqueles escritores celebrados justamente e que o colaborador do «Animatógrafo» quasi a diário encontra, pareciam combinados para lhe multiplicarem a fadiga de tão largas excursões.

Finalmente, eis aqui os que se atrevem a responder à pergunta na aparência inocente da revista criada pela alma e carne de António Lopes Ribeiro:

JÚLIO DANTAS ABSORVIDO PELOS CENTENÁRIOS, NADA NOS DIZ...

O primeiro dos nossos autores vivos, Julio Dantas, presidente da Academia das Ciências, rodado no cinema, quasi não existe já... O quasi absolve-nos de maus desejos. E' que o ilustre escritor, glória da nossa literatura, se encontra esgotado por seis meses de trabalho extenuante. Os Centenários representam para ele a criação de formosas peças literárias, assombro de próprios e extranhos; e, simultaneamente, um esforço dantesco — sem «calembourg».

As fimas de vários dias de improficuas pesquisas, logramos alguns minutos de afável convívio com esse tenaz guardião da nossa língua. Recebe-nos no seu gabinete dos Centenários da Independência e Restauração. E' a figura amiga de sempre, o benévolo prefaciador de um olvidado volume do autor deste inquerito, e o amigo de alguns dias de intimidade nas termas galaicas de Mondariz. Não o vimos há anos. E' a mesma figura de sempre. Fidalgo na educação e conceito; plebeu na rápida adaptação a meio século de história convulsionada por factos de sangue; sábio de bem dizer e escrever; burguês desta boa cidade de Lisboa; amigo dos seus amigos, sem altivez e sem familiaridades.

Agora, está cansado. Seis meses a esgrimir a pena de mestre em oratória gentil e romântica, ante delegações estrangeiras que deixou estupefactas, e nacionais — incluídos os irmãos brasileiros — às quais

assombrou com o feixe multicolorido do seu talento, constituem sobre a explicação das rugas passageiras que lhe cruzam a fronte nobre e serena.

Abraça-nos. Desculpa-se, sobriamente. A imensidade da sua tarefa é visível. Fala-nos com entusiasmo de António Lopes Ribeiro. E', para ele, o criador do jornalismo cinematográfico; a raiz latente e prometedora do próprio cinema português; a certeza, exuberante de vitalidade e de jovialidade moça, pintalgada de sedutora boémia, de uma equilibrada orientação dos futuros produtos da nascente produção lusitana...

— Abraça-o, por mim. Ele sabe quanto o estimo, Acompanho com simpatia imensa o seu esforço colossal. Mas, agora, não me pertence. Até de madrugada, até que o sol nasce preparo os trabalhos dos Centenários. Cinco, seis da manhã... Abraça-o. Lealmente, amigavelmente. Por agora, nada mais. Constituo-o meu embaixador...

Retine, tenaz, um telefone. Surge um contínuo, rígido na farda regulamentar:

— Senhor doutor...

— Que é?

— O senhor Presidente do Conselho deseja falar a V. Ex.ª

Fito-o, na minha pobreza inexcusable, embora limpa, e felicito-me por desconhecer o calvário das consagrações.

O PROF. DR. AGOSTINHO DE CAMPOS SUGERE «A CIDADE E AS SERRAS»

Ainda que atingido pelo limite de idade, quem o veja, vivaz e pertinaz, olhar limpo, quasi todos os dias passar no Chiado, não acreditará ser aquele o senhor professor dr. Agostinho de Campos.

Há um ano e meses, recolhido à sua residência modesta da rua Rodrigo da Fonseca, o meu amigo e professor dr. Hernani Cidade pediu-me que lhe servisse de «cicerone» naquele labirinto de construções semi-erguidas; e, nalguns ca-

sos, por erguer, mas já com tapumes. Não quis descontentar aquele meu prezado amigo e, finalmente, logramos descobrir a residência do dr. Agostinho de Campos. Deixei-lhe um bilhete, na companhia do sr. professor dr. Hernani Cidade — para não fazer figura de guarda-nocturno.

Agora, volto. O sr. professor Agostinho de Campos recebe-me agradavelmente. Feita a pergunta deste inquerito, logo esboçou a resposta; suspendeu-a, porém, a fim de melhor a clarificar por escrito.

Agradei-lhe. — Ficarei, assim, com um autógrafa de V. Ex.ª, senhor dr. professor Agostinho de Campos...

Dias decorridos, recebia as seguintes linhas:

— Procurou-me e pediu-me que lhe dissesse, por escrito, para fins de inquerito jornalístico da revista «Animatógrafo», que romance português deveria ser posto em fita de cinema, no meu entender. Lembro que Eça de Queiroz não foi ainda aproveitado para tal efeito e que «A Cidade e as Serras» daria uma fita variada, animada e portuguesa.

Pois aqui o temos em Lisboa, a este Benjamin dos nossos capelos

VITORINO NEMÉSIO DEFENDE «AMOR DE PERDIÇÃO» E «AS PUPILAS»

Com comovida e solícita fraternidade, insisto com Vitorino Nemésio para que arranque alguns minutos aos seus afazeres da Faculdade de Letras e responda ao «Animatógrafo». Desde o primeiro dia em que este açoreano estudioso, tenaz e «talentado», como diria um espanhol da rua, desembarcou em Lisboa, acompanhei a sua desesperada luta com destinos contrários. De todos, agora, triunfou. Continua a ser o mesmo rapazinho de sempre. Revejo-o, na saúde deformadora do meu coração, numa «república» da rua dos Militares presidida por um heróico boémio, falecido há poucos anos, o dr. Matos Graça, que já não sabia viver fora dali. De quando em quando reencontrávamo-nos, abraçávamo-nos e os seus triunfos tinha-os por meus. Jamais um esboço de mal-entendido maculou a nossa amizade, embora passageiramente.

Pois aqui o temos em Lisboa, a este Benjamin dos nossos capelos

azues, após milhares de borrascas. A última, dissipou-a quem para tanto tem poder promovendo a sua nomeação após uma carta nobre, digna, equilibrada, sensata — uma carta que honra o autor de «A Moçidade de Alexandre Herculano». Não consigo, não posso, dentro de toda a minha reverência, tratá-lo por doutor professor Vitorino Nemésio. De resto, é seria o primeiro a zangar-se...

Responde-nos, portanto, com as seguintes linhas de uma modestia admirável:

— Não sou cineasta, nem sequer cinéfilo, — pois creio que para se ter direito a este título é preciso estar pelo menos duas horas por noite às escuras e ter em dia os signos e constelações de Hollywood. Mas, como gosto de filmes e as relações entre a literatura e as mais artes são preocupações do meu ofício, sempre direi alguma coisa sobre o romance e a película.

Eu creio que o verdadeiro romance cinematográfico tem de ser concebido fotogenicamente e escrito em celuloide. Talvez um realizador que de repente descubra em si o génio da ficção romanesca; talvez

um romancista que o cinema solicite no seu próprio vocabulário. As fortes influências do cinema na técnica de alguns escritores estrangeiros contemporâneos já aponta em direcção a um verdadeiro romance-filme.

Emquanto se não define esse novo género, híbrido de palavra e de foto-imagem, os realizadores terão de procurar nos romances um simples ponto de partida para as suas recriações cinematográficas, e raramente uma «transcrição», em termos de cinema, da obra romanesca tal qual o autor literariamente a inventou e exprimiu. Quer dizer, o que se tem procurado com a montagem de «Os Miseráveis», ou de «Os Irmãos Karamazov», é tanto ou mais do que um esquema de intriga animada, a colossal celebridade de Victor Hugo e de Dostoevsky, a voga mostruosa daqueles livros (aliás de valor romanesco desigual).

Haverá romance cinematografado que não traga ao «ecran» uma versão diferente da do livro? Digo uma versão alterada, com variantes de situação, incidentes omitidos ou novos? Desconfio... Ora, insisto: ou o cinema tem meios de interpre-

tar, na sua própria linguagem, uma ficção romanesca previamente expressa em livro, sem faltar ao respeito à integridade desse livro como criação acabada, — ou não tem, e, nesse caso, trate de criar directamente o romance-filme.

Em Portugal? Romances portugueses que prometam enchescentes? E' claro: o «Amor de Perdição» e «As Pupilas do Senhor Reitor». Com este, foi o que se viu... De mais a mais, que se pode esperar de tão frágil romance senão uma espécie de filme-opereta? Quando muito, um quadro bucólico, um belo documentário da região do Vouga com um fio de intriga lírica.

Com o «Amor de Perdição», poderia talvez tentar-se ainda uma espécie de filme «armoyant», com larga margem para o pitoresco, o folclore, a história, enfim os mil e um recifes em que tem naufragado o cinema nacional. Apesar do fortíssimo tema português que ali está, e de que o próprio Camilo não tirou novelisticamente todas as conseqüências.

FERREIRA DE CASTRO LEMBRA EÇA DE QUEIROZ E AQUILINO RIBEIRO

Outro velho jovem amigo: Ferreira de Castro, consagrado pelo aplauso do seu público de muitos milhares de leitores-compradores. Desconto, desde logo, aqueles que, para desespero do editor respectivo, o simpático cavalheiro que é Paulo Martins Cabral, sócio-gerente da Livraria Guimarães, os fazem circular de mão em mão.

Feita a pergunta do inquerito, tão conhecidas e apreciadas são as nossas boas relações de amizade, que não me atrevo a acrescentar uma só palavra de elogio. Ferreira de Castro responde por si mesmo da forma que segue:

— Nunca me fixei nisso. Julgo, porém, que, desde Eça de Queiroz aos nossos mais jovens escritores, há vários romances portugueses que dariam excelentes filmes. Não estaria, porventura, na «Relíquia», uma

interessantíssima comédia? E na «Cidade e nas Serras», embora a parte final seja bastante convencional e burguesa, não se encontrará, igualmente, argumento para um filme? A «Batalha sem Fim» de Aquilino Ribeiro, daria também uma magnífica película. Mas estou a cometer, sem o desejar, uma injustiça, citando apenas dois nomes e isto por nunca haver pensado no assunto. Mas tenho a certeza de que poderia citar muitas outras obras de muitos outros autores.

AQUILINO RECORDA «O GAROTO DE LISBOA» E «EM BUSCA DE NOIVA»

Jovial, expansivo, este eterno ra-pagão das Beiras, sempre moço para bem da literatura contemporânea, gasta todo o seu tempo entre o lar, na Cruz Quebrada; a Livraria Bertrand e a «Brasileira do Chiado». Vive aparafusado à tirania do combóio ou do «eléctrico» que o conduz até ao Dafundo. Gosta de caminhar e é sempre esplendidamente beirão. Concluídas algumas «fóllhas» de novo livro, vem entregá-las ao editor. Trabalha imenso. Como no primeiro dia, vive numa modestia aconchegada. Basta-lhe, porém, encontrá-se com os seus fiéis amigos de sempre, a começar no nosso «anatólio» Gualdino Gomes para concluir no menos velho dos frequentadores do café-feiteiro do Chiado, o dr. Manuel Anselmo, e tanto basta. A recompensa sobra-lhe e gosta de paladar a vida «alfacinha».

Ali o encontro e lhe faço a pergunta ritual. Logo responde, a lápis, num matraquear fulminante de metralhadora sem balas:

— Suponho que não tenho livros que possam ser planificados. Quanto a autores modernos, desconheço quais estejam nas boas condições. Lembro-me, um pouco atrás dos nossos tempos, de «O Garoto de Lisboa» e «Em busca de noiva».

JOÃO GASPAS SIMÕES PROPÕE A CRIAÇÃO DUMA LITERATURA PRÓPRIA

Encontramos este apreciado e conceituado crítico e autor português — mantenedor, durante anos,

(Continua na página 15)

ALGUMAS CENAS DA PRODIGIOSA COMÉDIA «A LOJA DA ESQUINA» — O ÊXITO MAGNÍFICO E TRIUNFAL ALCANÇADO POR LUBITSCH LOGO A SEGUIR A «NINOTCHKA»!



UM DOS SEGREDOS DA ASSOMBROSA CARREIRA DE «NINOTCHKA» FOI, SEM DÚVIDA, A MAGISTRAL DIRECÇÃO DE ERNST LUBITSCH — COM JUSTIÇA CONSIDERADO O GRANDE FEITICEIRO DO RISO. OUTRA CARACTERÍSTICA DE «NINOTCHKA» É, EM GERAL, DE TODOS



OS FILMES DE LUBITSCH E O ELENCO DE ACTORES, EM QUE FIGURAM SEMPRE NOMES CONSAGRADOS, POR ISSO, EM «A LOJA DA ESQUINA», O FAMOSO REALIZADOR PROCUROU MAIS UMA VEZ, REUNIR ALGUNS DOS MAIORES «ASES» DA COMÉDIA, NA PRI-



MEIRA FOTOGRAFIA — A DA ESQUERDA — VEMOS MARGARET SULLAVAN E FRNK MORGAN. NA SEGUNDA, A PAR DO IMPAGAVEL JAMES STEWART, FIGURA FELIX BRESSART, CUJOS MÉRITOS DE COMEDIANTE JÁ CONHECEMOS DE «NINOTCHKA», NA TRCEIRA.



PODEMOS VER, TAMBEM, JOSEPH SCHILDKRAUT E O JOVEM WILLIAM TRACY, QUE É UMA ESPANTOSA REVELAÇÃO E A QUEM CHAMAM JÁ «O GRANDE RIVAL DE MICKEY ROONEY». (...MAIS UM FILME DA METRO-GOLDWYN-MAYER, A ESTREAR NO «SAO LUIZ»...)



SPENCER TRACY

HEDY LAMARR

Quando Spencer Tracy diz a Hedy Lamarr, apaixonadamente, «ESTA MULHER É MINHA!», todos estremeçam ao pensar que o amor é, por vezes, mais forte que as nossas fôrças e que o encontro de uma bela mulher com um homem impetuoso pode justificar, plenamente, o êxito retumbante dum filme...

ÊLE... INTEIRAMENTE DIFERENTE...
 APAIXONADO... TERNO... ROMÂNTICO...
 SEMPRE GIGANTESCO!... SEMPRE IDOLATRADO!
ELA... SEMPRE ESTONTEANTE...
 VOLUPTUOSA... LOUCA DE AMOR...
 AINDA MAIS BELA!... AINDA MAIS SEDUTORA!
 — A Mais Inspirada Combinação De
 Estrêlas, No Maior Romance De Amor
 Filmado Em Hollywood!
 — A HISTÓRIA ROMÂNTICA DUMA RAPARIGA LEVIANA QUE
 TINHA CONHECIDO MUITOS HOMENS, MAS QUE NADA SABIA
 ACERCA DO AMOR E DA PAIXÃO!

Esta mulher é minha!

UMA SOBERBA REALIZAÇÃO DE
W. S. VAN DYKE
 PARA A METRO-GOLDWYN-MAYER

NOTÍCIAS DE HOLLYWOOD

O par de «ROBIN DOS BOSQUES» ERROLL FLYNN e OLIVIA DEHAVILLAND reaparece em «SANTA FE TRAIL» da W. B.

O êxito triunfal de «Robin Hood», que a S. I. F. estreou no Politeama, veio chamar a atenção para um dos mais simpáticos pares que

o cinema nos tem mostrado—a elegância varonil de Errol Flynn e a simpatia encantadora de Olivia de Havilland, que «Capitão Blood» nos mostrara já.

Pois agora vão, uma vez mais, aparecer juntos num novo filme de Warner Bros, intitulado «Santa Fé Trail», e que tem por quadro um dos mais vigorosos e empolgantes momentos da história da América, no tempo em que os pioneiros contribuíam com o seu esforço e o seu sangue para a edificação duma grande nação.

Como em «Wells Fargo», de Frank Lloyd, em «Alianças de Aço», de Cecil B. de Mille, em «Western Union», que Fritz Lang agora dirige, «Santa Fé Trail» traça-nos o

esforço épico que representou a construção duma nova linha de caminho de ferro, de muitos milhares de quilómetros, elemento de valor incalculável, que contribuiu, talvez como nenhum outro, para o engrandecimento e a unificação dos Estados Unidos da América do Norte. Desta vez é o caminho de ferro que viria desbravar o estado de New México, junto da Califórnia, e levar até lá a civilização e a lei.

No filme que Michel Curtiz, o homem das grandes realizações, dirige, aparecem também Raymond Massey, Ronald Reagan, Alan Hale, William Lundigan, Van Heflin, Gene Reynolds, Henry O'Neil e Guinn «Big Boy» Williams.

Uma continuação dos «HOMENS DE AMANHÃ»

«A Cidade dos Rapazes», essa magnífica instituição que o Padre Flanagan dirige, e que serviu de fundo já a um dos mais belos filmes de que o cinema se pode orgulhosamente ufanar — «Homens de Amanhã», val de novo ser o quadro maravilhoso dum novo filme que a Metro Goldwyn Mayer está produzindo, intitulado «Men of Boys Town» — Homens da Cidade dos Rapazes.

A acção do filme focará desta vez, sobretudo, a existência dos rapazes ao deixar o Padre Flanagan e ingressar na vida prática, utilizando os conhecimentos que nesse estabelecimento modelar lhe foram ministrados.

Neste novo filme aparecerão as três primeiras figuras que entram em «Homens de Amanhã»: Spencer Tracy, Mickey Rooney e o pequeno e espantoso Bobs Watson. Spencer Tracy incarnará novamente a figura do Padre Flanagan e Mickey Rooney será o chefe dos seus camaradas.

O director Norman Taurog, a quem se ficou devendo «Homens de Amanhã», será o realizador de «Men of Boys Town», que é ainda interpretado por Lee J. Cobb, Larry Nunn, Mary Nash, Henry O'Neil e Sidney Miller, um amigo íntimo de Mickey Rooney, que tem já aparecido em vários outros filmes do criador de Andy Hardy.

Spencer Tracy, que com a sua interpretação em «Homens de Amanhã» ganhara o prémio da Academia Americana, recebeu há pouco um autógrafo do Presidente Roosevelt com a seguinte dedicatória: «Para o meu amigo Spencer Tracy, de Franklyn D. Roosevelt».

FITAS NA FORJA

● **Love Thy Neighbor**, com Jack Benny, Fred Allen, Mary Martin, Veree Teasdale, The Merry Macs, Virginia Dale e o negro Rochester. Dirigido por Mark Sandrich. Paramount.

● **Father and Son**, com Billy Dawson, John Litel, Frieda Inescort, Christian Rub, Sammy Mac Kim, Mira Marsh e Soupy Bupp. Realização de D. Ross Lederman Warner Bros. (S. I. F.).

● **Wild Man of Borneo**, com Frank Morgan, Richard Carle, Walter Catlett, Shepperd Strudwick, Billie Burke, Marjorie Main, Donald Meek e Bonita Granville. Realização de Robert Sinclair. Metro Goldwyn Mayer.

O elenco da FOX 1941

Depois da Rádio e da Warner Bros, da Paramount e da Metro Goldwyn Mayer, cabe agora também tornar publico o elenco de Twentieth Century Fox, a companhia que Joseph M. Schenck, antigo chefe da United Artists, e Darryl F. Zanuck dirigem. A ele pertencem Don Ameche, John Carradine, Alice Faye, Joan Bennett, Henry Fonda, Allan Curtis, Richard Greene, Linda Darnell, Lynn Bari, Laird Gregor, Paul Muni, Joan Davis, Sonja Henie, Dean Jagger, Lloyd Nolan, Betty Grable, que agora aparece ao lado de Don Ameche e Carmen Miranda em «Sinfonia dos Tropicós», Charlotte Greenwood, John Payne, Tyrone Power, Mary Beth Hughes, uma nova es-

tréia, Brenda Joyce, Cesar Romero, George Sanders, Arline Judge, Nancy Kelly, Randolph Scott, John Sutton, Ida Lupino, Jean Rogers, Sidney Toler, o novo «Charlie Chan», Kenneth Alexander, Lynne Roberts, Marjorie Weaver, Arleen Whelan, Sen Yung, Chris-Pin Martin, Jane Withers e Cobina Wright, Junior.

Como realizadores tem a Fox sob contrato os seguintes nomes: Otto Brower, Davir Burton, Irving Cummings, John Ford, Eugene Forde, Norman Foster, H. Bruce Humberstone, Henry King, Fritz Lang, Walter Lang, Rouben Mamoulian, Archie Mayo, Ray McCarey, Irving Pichel, Gregory Ratoff e William Wyler.

CINEMA POLICIAL

RALPH BELLAMY vai incarnar o famoso «detective» ELLERY QUEEN

Uma nova figura vem juntar-se à lista já numerosa que o cinema tem apresentado. É Ellery Queen, o arguto polícia que tem sido o herói de tantas proezas, que vai agora fazer a sua aparição no «écran», na pele de Ralph Bellamy. Esse primeiro filme da série intitula-se «Ellery Queen, Master Detective» e nele aparecem também Margaret Lindsay, Charles Grapewin, James Burke e Michael Whalen. O realizador Kurt Neuman dirige o filme para a Columbia, e a Aliança Filme apresentá-lo-á em Portugal.

DOROTHY SAYERS nega LORD PETER aos produtores

Dorothy Sayers, a criadora do aristocrático e audacioso Lord Peter Wimsey, embora solicitada com enorme frequência para autorizar a adaptação cinematográfica dos seus famosos romances, sempre re-

cusou. Só em circunstâncias muito especiais o consentiria — e desde que lhe fosse entregue a realização desses filmes.

Mas os produtores, que têm o talento de Dorothy Sayers na melhor conta, parece não confiarem demasiadamente nos seus dotes de cineasta. E a verdade é que Lord Peter continua sem poder aparecer no «écran»...

Novas proezas do celebrado «SANTO»

O personagem criado pela imaginação fértil de Leslie Charteris, que no cinema tem sido interpretado com extrema felicidade pelo actor Georges Sanders, vai aparecer num novo filme. As aventuras de «Santo», em que a temeridade, a ousadia e o seu aspecto misterioso o colocam num lugar aparte entre as demais figuras policiaes, estão desta vez situadas em plena Califórnia, num afamado local de prazer — Palm Springs.

O novo CHARLIE CHAN

Para a Fox acabou agora de interpretar Sidney Toler um novo filme da série que o malogrado Warner Oland criou e popularizou. Intitula-se «Charlie Chan's Murder Cruise», e a Fox apresentá-lo-á em Portugal com o título de «Charlie Chan no Panamá».

A personagem de Chan deve-se ao novelista Earl Durr Biggers.

Tyrone Power vai interpretar «Sangre y Arena» de Blasco Ibañez

Tyrone Power, o popular galá da Fox, que tantas admiradoras conta em Portugal, parece estar empenhado em reviver personagens que filmes antigos celebraram. Há pouco foi, como noticiámos, o intérprete do «Sinal do Zorro», um dos filmes de mais belas recordações que o cinema silencioso nos deixou. Agora chega-nos a notícia de que o magnífico intérprete de «Sinfonias Modernas» vai ser o protagonista dum outro filme célebre de há dezotto-anos — «Blood and Sand».

É extraição do famoso romance de Blasco Ibañez, «Sangre y Arena», que Rudolf Valentino criou na tela e que ficou sendo, depois dos «Quatro Cavaleiros do Apocalipse», a sua mais apreciada interpretação. Não se sabe ainda quem virá a fazer os dois papéis femininos que na primeira versão couberam a Lila Lee e a Nita Naldi. Sabe-se, no entanto, que Rouben Mamoulian será o realizador.

Uma nova família para o rol...

Depois da Família Hardy, da Metro Goldwyn Mayer, da Família Blondie, da Columbia, e da Família Jones, da Fox, Hollywood passa agora a contar com uma outra família — a Foster.

A própria Metro Goldwyn Mayer, de certo em face do êxito enorme que os Hardy têm alcançado em todo o mundo, resolveu ampliar o seu quadro «familiar» com mais os Foster. E o que é mais curioso é que um dos principais elementos da Família Hardy aparece também na Família Foster — a insinuante e graciosa Ann Rutherford.

Os outros membros da Família são Frank Morgan e Irene Rich — que foi outrora a protagonista do precioso «Leone de Lady Margarida» — que farão de pais de Ann e Virginia Weidler e Gloria de Haven, as suas duas irmãs. John Shelton será o namorado de Ann Rutherford, e Virginia Grey, a sua rival. Aparecem ainda Gene Lockhart e Sara Haden.

O primeiro filme da nova série intitula-se «Keeping Company» e é dirigido por S. Sylvan Simon. O argumento é da autoria de Herman Mankiewicz.

A ALIANÇA FILMES, L. DA

RUA PASSOS MANUEL, 134 - PORTO

que já apresentou nesta temporada os grandes êxitos

AMOR... A PRESTAÇÕES
 OS MISTÉRIOS DO LUNA-PARQUE
 O MEU FILHO É UM CRIMINOSO
 MOCIDADE EM PERIGO
 UMA DAMA ENTRE «GANGSTERS»
 BIGAMIA
 A ILHA DOS SENTENCIADOS
 MAIS FORTE QUE A LEI
 HOMENS SEM CORAÇÃO

vai apresentar brevemente

OS MEDICOS TAMBEM CASAM

(«Doctor Takes a Wife»), com LORETTA YOUNG e RAY MILLAND.

CASEI COM A AVENTURA

(«I Married Adventure»), com a mundialmente célebre caçadora OSA JOHNSON.

RESSUSCITADOS

(«The Man with Nine Lives»), com BORIS KARLOFF e JO ANN SAYER.

PEÇO A PALAVRA!

(«Mr. Smith Goes to Washington»), um filme de FRANK CAPRA.

a «ALIANÇA» não pode adquirir todos os filmes do mundo—por isso só adquire os melhores

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que nelas merece atenção especial.

«SINFONIA DOS TRÓPICOS» (Fox).

- A direcção de IRVING CUMMINGS.
- A fotografia colorida de LEON SHAMROY e RAY RENNAHAN.
- O trabalho arrojado da colorista NATHALIE KALMUS.
- Os bailarinos negros NICOLAS BROTHERS.
- As interpretações de BETTY CRABLE e CHARLOTTE GREENWOOD.
- A música e as canções originais, em especial «Down Argentine Way», de MARCK GORDON e HARRY WARREN.

Esta nossa página vem hoje particularmente pobre: apenas uma crítica. Mas essa pobreza corresponde a uma riqueza cinematográfica invulgar: todos os cinemas de Lisboa exibem filmes que se mantiveram mais de uma semana no cartaz. Alguns, como «Robin dos Bosques», da S. I. F., e «Primeiro Amor da Gata Borracheira», de Filmes Alcantara, atingiram a terceira semana, o segundo em dois cinemas — e manifestam ainda uma vitalidade mais que prometedora.

Isto vem confirmar os nossos prognósticos quanto à nossa época, a nossa confiança no público cinéfilo — e a opinião dos nossos críticos sobre os referidos filmes.

Não ousamos dizer que «Animatógrafos» contribua para eletrizar a atmosfera das platéias, — mas talvez o pudéssemos fazer.

Agora, suponhamos que não há motivo para que as carpideiras do costume venham encher de pranto crocodílico o muro das lamentações...

«Sinfonia dos Trópicos»

(Down Argentine Way)

Espectáculo soberbo — de alegria, de cor, de movimento — este que a Fox Filmes nos oferece neste Janeiro frio! Poucas vezes temos experimentado diante dum espectáculo frívolo — porque a frivolidade é um dos atractivos de «Sinfonia dos Trópicos» — a sensação de plenitude que agora experimentamos.

Frivolidade seria, sem recorrer a nada de chocante, de forçado, de duvidoso ou de impudico. Frivolidade nascida e terminada em alegria pura e simples, alegria nã, bordada em torno dum historietta de amor que tem o condão de interessar o publico sobre as peripécias sentimentais dos dois protagonistas o que não é cousa de que possam gabar-se muitas historietas de amor.

Mas não é isso, evidentemente, o que mais interessa em «Sinfonia dos Trópicos», e interessa a ponto de canalizar a jorras o publico para a sala, de o conservar ali em permanente estado de euforia, e de lhe arrancar, em dada altura, uma autêntica ovação.

Essa ovação surge no momento em que dois bailarinos extraordinários, os Nicolas Brothers, terminam um numero alucinante em que o sapateado se completa pelos aglissandos e os agrands écartes mais espantosos. Mas não creiam que ela se deve apenas ao valor real do numero. O nosso publico é demadadamente retraído, perante qualquer espectáculo, e muito em especial perante o espectáculo do cinema, para que o fizesse sem comparações. Isto é: sem que tudo o que o filme lhe mostrasse antes o não satisfizesse por completo.

Ora a verdade é que tudo o que aparece em «Sinfonia dos Trópicos» o satisfaz — e contém sobejas razões para o satisfazer.

Primeiro — a cor! Cor maravilhosa,

por dois motivos: pela audaciosa composição cromática e pela felicidade da fotografia de Leon Shamroy e Ray Rennahan.

Nathalie Kalmus, responsável por toda a filmagens Technicolor, usou audaciosamente dos tons puros — vermelhos, azuis verdes, amarelos — compondo quadros de grande clareza que honjeda sempre e nunca fere o olhar. A colaboração presta por Nathalie ao realizador Irving Cummings — sempre fiel à Fox, desde a vitória de «Club 73» — foi das mais valiosas. E o realizador soube merecê-la, pois lhe cabia o aproveitamento de todo aquele esplendor policromo e o soube aproveitar como gente grande. As filmagens, com suaves oscilações de grua em movimentos de pe-

queno ralo, mas que valorizam tudo o que surpreendem, — «varridelasma» mestras, em que um cenário se desvenda em todos os seus angulos melhores — não perdem pitada da encenação.

E o mais apreciável é que tudo isto foi feito desprezenciosamente isans em avoar l'aira.

Exteriores magníficos, valorizados pela fotogenia de todo, os ambientes hipicos, intercalam-se sabiamente em interiores de óptimo gosto, nada sobrecarregados (o bric-à-brac é uma tentação, quando se dispõe da cor!), não dando aquela impressão de duas fitas diferentes que nos dão tantas fitas coloridas.

Nota-se que a Fox tem sido particularmente feliz nos filmes a cores: «Ouvem-se tambores ao longe», «Assim nasceu o cinema», os dois «Jamaica» e agora «Sinfonia dos Trópicos» são dos melhores depoimentos a favor daquilo a que chamaremos, em linguagem do século, a colorização totalitária... Porque esperamos não morrer sem ver desfilarem em Paris certos cinéfilos berrando ao som do «Air des Lampions»:

«La couleur partout!
La couleur partout!»

Complemento imprescindível dum espectáculo de alegria a musica desempenha em «Down Argentine Way» um papel primordial. As musicas de Marck Gordon e Harry Warren. Este ultimo é o autor responsável por alguns dos melhores estrinchos da grande época dos filmes musicais (todas as séries da Warner Bros. (Rua 42, «Marilyn» de 1933, «Foot Light Parade», etc.), e mantém toda a sua forma. A canção que dá o título ao filme, com os seus chibelas linguas, originalissimo, é aquillo a que os americanos chamam — as sensations. Ha uma sçonça estupefata e todas as demais melodias são agradáveis e «faveias», o que é condição essencial da popularidade.

A interpretação de «Sinfonia dos Trópicos» reúne um grupo excelente. Betty Crable muito loura e muito linda, não tem nada de boneca: é uma rapariga simpatissima, que se representa justo, canta afinado e faz o

(Ler continuação na 7.ª página)

(Continuação das páginas centrais)

de uma página, no «Diário de Lisboa», dedicada exclusivamente à critica da nossa literatura — e pedimos a sua opinião. E, com a pergunta, segue a resposta.

— Quais os romances portugueses mais adaptáveis ao cinema?

— Não haveria muitos. Em todo o caso parece-me que era por aqui que se devia ter principiado quando se pensa fazer cinema português. Na minha opinião, para que em Portugal se faça bom cinema só falta encontrar bons argumentos. Sim: por mais paradoxal que isto pareça, a verdade é que ao nosso cinema não faltam elementos técnicos: os nossos filmes têm boa fotografia, bons enquadramentos, ritmo razoável, som sovrível. O que no nosso cinema é péssimo é precisamente o argumento. Durante quasi três anos bati-me no «Diário de Lisboa» por um romance português que não sacrificasse ao estilo ou à falsa verosimilhança, a verdade psicológica. Pois bem, o mal de que sofre o nosso romance é, mal de que sofre o nosso teatro — e o nosso cinema. São raros os filmes portugueses, onde se sinta que se nos conta uma história psicologicamente certa, logicamente verosímil — verdadeira, em suma. Os caracteres são falsos, o desenvolvimento é falso; não há problemas humanos, não há realidade

O NOSSO INQUÉRITO

humana convincente. Quasi todos os nossos filmes são pretextos para boa fotografia; e quando o pretexto é só este ainda não é mau...

Ora é preciso não esquecermos que é tão difficil architectar uma história cinematográfica como uma história romanesca. Logo é evidente que compor uma história para ser filmada não é coisa que qualquer faça. As pessoas indicadas para o fazerem são os romancistas — os poucos romancistas que em Portugal já deram provas de serem capazes de escrever romance verosímil. Eis porque a pergunta de «Animatógrafo» me parece de uma grande importância. Acho que os realizadores de cinema devem do mesmo tempo saber quais são os romances portugueses mais capazes de poderem ser filmados, e quais os romancistas mais capazes de escrever argumentos para o cinema. O facto mesmo de não haver na bagagem de qualquer bom romancista vivo um romance apto a ser transplantado para tela não é razão para que os cineastas se não aproveitem da capacidade revelada por ele para escrever histórias verosímil. Aqui está porque seria bom ver Ferreira de Castro, Aquilino, Miguel Torga, José Régio, Paço de Arcos, Campos Pereira ou

tantos outros aproveitados pelos realizadores de cinema. E mais não digo porque a dizer tudo teria de escrever um ensaio.

MANUEL RIBEIRO RECORDA «A RELÍQUIA» E REBELÓ DA SILVA

Neste incompleto quanto rápido inventário da nossa miséria literária, ainda que não faltem autores afamados e obras consagradas, urgia ao meu carinho de amigo e à minha rendida admiração saber dos pareceres de Manuel Ribeiro. De quantos autores ouvi, este é o meu mais antigo amigo — desde os dias já remotos de procelozas batalhas. Sempre o conheci, porém, silencioso. Apenas no recolhimento de leais amizades, scudia o seu silêncio de alentejano, para gradualmente se animar até à máxima efusividade. Assim aconteceu agora, uma vez galgados os duros degraus graníticos que, na basilica da Estréla, conduzem ao ultimo andar — arquivo de milhares de processos conhecidos em calão judicial pela designação genérica de «Peltos fíndos».

Interrogado, acarinhado, abraçado pela força expansiva da minha amizade, Manuel Ribeiro disse-nos,

num fio delgado de muitas palavras quasi a perderem-se-lhe no bigode modesto:

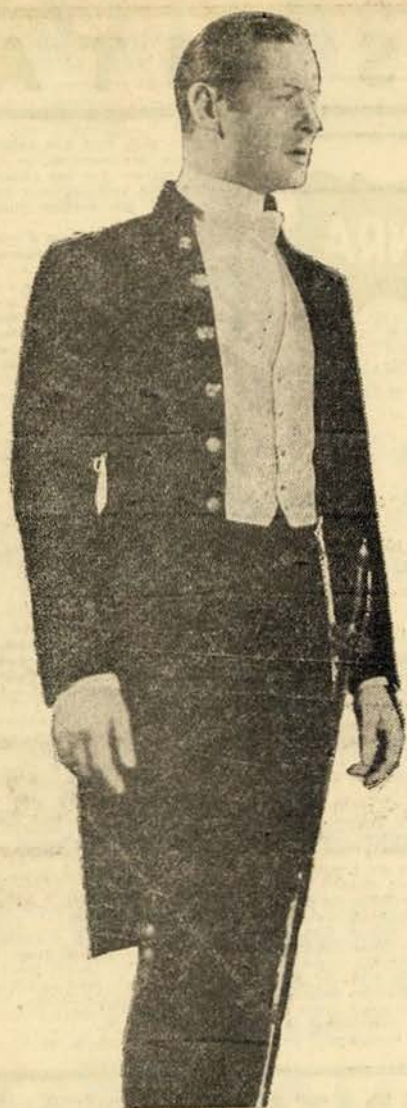
— «A Relíquia», de Fialho, poderia dar uma fita formidável sobre a cidade dos mortos. Dêle ainda aproveitáramos, a meu ver, a sua «Evoação da Primavera». Em Eca, o «Crime do Padre Amaro», com o seu ambiente estremo, e «A Relíquia», para uma fabulosa reconstituição da Semana Santa em plena Palestina. Camilo chamava-lhe «o sexto Evangelho do Raposo». Em Rebeló da Silva, aproveitáramos, talvez, «A última corrida de touros em Salvaterra de Magosa», a fim de reconstituirmos esse episódio histórico da festa brava...

O INQUIRIDOR PEDE LICENÇA PARA LEMBRAR O «JOSÉ PANCADARES» DE EUGÉNIO VIEIRA

— Dá licença, senhor director?
— Vá. Diga. Depressa. Falta o espaço.

— Num volume de Eugénio Vieira, chamado «Flor da lama», há uma novela que reconstrue a vida dos malfeitos, através desse Alentejo resinoso e estepário como a Rússia imensa. Chama-se: «José Pancadares» e considero-a uma maravilha.

CONSIGLIERI SA PEREIRA



A história, ora divertida ora
Tempestuosa, dum terrível
GANGSTER de Chicago, que herda
Um Condado inglês e que, por isso,
Resolve regenerar-se.

— Mas não contou com a
Vingança dos que haviam sofrido
Por culpa déle...

— E, assim, espera-o uma vida
Tormentosa, de martírios e torturas.
Que o arrastam até á fôrca!

Robert
MONTGOMERY
em
O Conde de
CHICAGO
UM FILME DA METRO • GOLDWYN • MAYER

com EDWARD ARNOLD, REGINALD OWEN, EDMUND GWENN, E. E. Clive, Ronald Sinclair, etc. ... e as lindas pernas de Norma Varden! — Direcção de RICHARD THORPE — Produção de VICTOR SAVILLE — Argumento cinematográfico de Lesser Samuels, segundo uma história de Charles de Grandcourt e Gene Fowler.

Um drama absorvente, que decorre entre balas de revólver e umas lindas pernas de mulher!

O Corifeo do Bel Tenebroso

PRIMAVERA. — Com todo o prazer a recebo nestas colunas, como antiga leitora de «Cinéfilos. Espero as suas próximas cartas, para conversarmos demoradamente. — «Primavera» saúda as antigas consulentes de «Multiplus» e especialmente «Atineas».

RICARDO, CORAÇÃO DE ELEFANTE. — Ficas apresentado! Cinéfilo-poeta, dizes tu! A ver vamos... — «Animatógrafo» vem animado do desejo de ser eterno. Só de vós depende dar-lhe vida, cada vez melhor e cada vez maior.

PRINCEZA YOLANDA. — Já del ordem à Administração para serem enviadas para a morada que indicas, todos os números publicados. Quanto aos números futuros, porque é que essa tua amiga não assina a revista? Era mais simples, do que o envio semanal, à cobrança, que me parece inviável.

PRINCEZA DA SELVA. — Continuas então zangada comigo?! Não

Toda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a
BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua
do Alecrim, 65 — LISBOA.

respondo às tuas perguntas, porque estou convencido de que as fizestes só para me dar trabalho... Foi vingança da demora, pela certa... — Cá fica o teu S. O. S. aos antigos leitores do «Cine», para que te ofereçam as separatas dos n.ºs 178, 186, 196 e 199, e ainda a de Ginger-Clark Gable do número do Natal. Se não as arranjaras, porque não as procuras na Casa Bertrand & Irmãos, Trav. da Condessa do Rio, 27?!

DOIDO COM JUÍZO. — Transmite a António Lopes Ribeiro a tua carta, com a sugestão da admissão de cinéfilos novos, no Clube de «Animatógrafo». — Já recebi cartas de «43 A. Mas «Mará-Boba», «Morena Caprichosa» e «Ginger às Rodas» continuam mudas e quedas...

ETERNA GAROTA. — Nelson Eddy, graças a Deus, nunca fez nenhum filme com Clark Gable... — Joan Crawford e Franchot Tone foram os protagonistas de «Basta de Mulheres». Apareceram juntos em «Doidos & C.». Como sabes, foi depois destes filmes que o Franchot exclamou «Basta de Mulheres» e se separou de Joan Craw-

ford, pessoa com quem eu, aliás, não me importava nada de casar... — Escreve sempre. Nunca massas.

TONY. — «O Poder das Travas» é um filme notabilíssimo. Robert Montgomery tem ali o seu melhor papel. Claro que há seres com caras semelhantes. A história do crime está cheia de degenerados. A manieira de Montgomery, do vampiro de Dusseldorf (que inspirou «Matou») ao monstro de La Voultze (que serviu de base ao argumento de «O Mistério das Onze Desaparecidas») vai toda uma colecção de tarados, da pior espécie. — Não creio que «Puzes» venha esta época a Portugal. Idem, idem, no que se refere a «Juarez». Quanto ao filme de Chaplin, não, penses nele. — É lamentável o que me contas referente ao estado em que chegam aí ao Porto certos filmes. Há operadores que «assassinam» os filmes. E falo assim porque a película a que te referes, não deveria, de modo algum estar nesse estado, por ter pouco mais de seis meses de circulação!

GAROTA DE LISBOA. — Cá fico esperando, ansiosamente, as cartas,

longas e frequentes, que me prometes. — Não me importo nada que hajas mudado de pseudónimo, sobretudo quando o escolhiste, tem, como eu caso presente, um ar alegre, vivo e cidadão...

FLOR DOS ALPES. — Cá estou à espera das suas cartas, e encantado por trocar correspondência contigo. — Pode escrever a Luíza Bécane, por intermédio de «Animatógrafo». — Interesses de «Horizontes Perdidos»: Ronald Colman, Edward Everett Horton e Jane Wyatt. O título original, era, de facto, «Lost Horizons». — O seu album deve, de facto, ser curioso. E tem o mérito de lhe acordar boas recordações.

BONECA VOLUVEL. — Folgo por que «Animatógrafo» te tenha agradado. Pelo que estou vendo, a legião das leitoras da Madeira aumenta, dia a dia. — A tua opinião sobre o Charles Boyer tem, pelo menos o mérito de ser original: é bom actor, mas feio e irritante. Para o cinema, e preferível, a ser bonito e agradável, embora mau actor. — Com que então quérias ser vedeta da Fox e parceira do Tyrone Power, por causa dos «happy-ends». Olha que às vezes, esses não são os mais saborosos. — Transmite os teus cumprimentos a «Rey... sem trono», «Cinéfilo Norte-nho», Luiz XV e «Deram-lhe uma espingarda».

A FEIRA das FITAS

(Continuação da página 5)

que pode a dançar. E tem, sobretudo, uma vibração humana, uma frescura natural que a destaca de tantas mulheres fabricadas em série pelos institutos de beleza de Hollywood. Don Ameche, sempre correcto, sempre simpático com a sua voz persuasiva e esehr musikalischa. Charlotte Greenwood, vestindo-se com rara distinção, consegue ser cómica sem se ridicularizar nas cenas mais imprevisíveis, como no «pericón que dança em plena aldeia argentina. Leonid Kinskey (o cicero) é um cómico de grande futuro, pois não se confunde com nenhum. Henry Stephenson é uma espécie de Charles Aubrey Smith menos imponente e mais afável. Carrol Nash compõe um «gauchos curioso. As suas conversas com o cavalo são divertidíssimas. Charles Judeles, o embalador, tem uma «coléras» a Hermann Bing que fazem rir a perder.

Guardamos para o fim Carmen Miranda. Não porque seja ela o grande atractivo dum filme em que tudo são grandes atractivos. Mas exactamente porque, cantando só três números, esses lhe bastam para impôr a sua personalidade a sua «classe» de grande artista do «music-hall». Nunca a tínhamos visto — embora soubéssemos de cór todas as suas criações. E a sua presença visual não desilude: antes revela finuras imprevisíveis, e a mimica poderosa da sua boca — das suas mãos.

Na última semana, revelação visual idêntica nos trouxe, em «Tudo a cantar», a aparição do grande Louis Armstrong. Carmen tem a categoria que se lhe atribue — é isto diz tudo.

Já devem ter percebido que ficamos tonfos de boa disposição com «Sinfonia dos Trópicos». Nos tempos que vão correndo, é o que mais poderíamos desejar. — A. L. R.

O QUE QUERE CANTAR...

OVER THE RAINBOW

(do filme «O Feiticeiro de Oz»)

Some where over the rainbow,
Way up high,
There's a land that I heard of
Once in a lullaby.

Some where over the rainbow,
Skies are blue,
And the dreams that I dared to dream
Really do come true.

Some day I'll wish upon a star
And wake up where the stars are, far behind me,
Where troubles melt like lemon drops
Away above the chimney tops,
That's where you'll find me.

Some where over the rainbow,
Blue birds fly,
Blue birds fly over the rainbow
Why then, Oh why can't I?

WHERE OR WHEN

(do filme «De Braço Dado»)

It seems we've stood and talked like this before,
We looked at each other in the same way then
But I can't remember where or when;

The things you're wearing are the things you wore,
The smile you are smiling, you were smiling then
But I can't remember where or when;

Some things that happen for the first time
Seem to be happening again,
And so it seems that we have met before
And loved before, and loved before,
But who knows where's or when.

GOOD MORNING

(do filme «De Braço Dado»)

Good morning, good morning,
We've danced the whole night through,
Good morning, good morning to you.

Good morning, good morning,
It's great, to stay up late,
Good morning, good morning to you.

When the band began to play,
The stars were shining bright;
Now the milkman's on his way,
It's too late to say good night.

Good morning, good morning,
Sunbeams with you smile through,
Good morning, good morning to you.

A TAÇA E AS MEDALHAS

(Continuação da página 9)

Fragoso e Mota da Costa — se pronunciaram contra a candidatura de «Pinnocchio» em situação absolutamente idêntica à dos outros filmes, e que sómente três membros do Júri — António Lopes Ribeiro, António Carvalho Nunes e Domingos Mascarenhas — votaram a fa-

vor da candidatura do «Sr. Grilo». E por isso «Pinnocchio» foi incluído na lista dos filmes candidatos e o «Sr. Grilo» foi afastado da selecção dos actores.

Há ainda que salientar o seguinte: nenhum filme, nenhum actor e nenhuma actriz pode ganhar a Taça ou as Medalhas do «Animatógrafo» sem reunir, pelo menos, um terço dos votos emitidos — isto é, sete votos, se se pronunciarem todos os membros do Júri de Classificação. Nestes termos realizar-se-ão tantas escritúras quantos forem necessários para se chegar a um resultado, salvo no caso de se verificar tal intransigência que não permita a atribuição de qualquer dos prémios (hipótese

pouco provável, mas que se deve prever desde já).

Antes de fechar estas notas queremos ressaltar uma «gralha» diabólica que transformou completamente o sentido do que se escreveu no último número sobre a constituição do Júri de Admissão. Escreveramos: «O Júri de Admissão é composto pelos seguintes sete redactores de «Animatógrafo», que não estão de qualquer forma ligados às casas distribuidoras. Pois safu apenas isto: «...que não, estar de qualquer forma ligados às casas distribuidoras».

A única ligação entre elas e o Júri é, evidentemente, a da natural e excelente cordealidade que hoje, graças a Deus, reina na família cinematográfica portuguesa.

O Corriente de Bel Tenebroso

RAFFLES. — Respondo duma assentada a duas cartas tuas; Uma sem data, outra de 26 de Novembro. Ao todo, sete folhas de papel de máquina de prosa compacta. — Com que entusiasmo consideras O Monte dos Vendavais como um autêntico ceticismo de amor? Essa parece-me forte, Raffles amigo! — De facto, para nós homens, a passagem de modelos de Mulheres era muito subjectiva. Não sei se já reparaste que quando uma assembleia mista assiste a uma passagem de modelos, as mulheres só têm olhos para os trapos, e nós, homens, só temos olhos para os modelos... Se houvesse que fazer uma partilha da existência era fácil contentar as duas facções. — Este leitor deseja corresponder-se com Donald e saúde, efusivamente, Benjamin, Maria Madalena e Eterna Garota.

UMA GAROTA SEM IMPORTANCIA. — Gostei muito de ler a tua cartinha. — Pelo que me dizes, tens visto poucos filmes. Se é por falta de companhia podes contar comigo... Valeu?... Para assinar o Animatógrafo deves remeter à Redacção, Rua do Alecrim, 65, 1.º, em vale de correio, a importância respectiva. — Com que entusiasmo estás proibida pelos médicos de te dedicares ao teu desporto favorito? Quero crer que depressa melhoras e que no próximo verão possas fazer a Travessia do Tejo. Nunca te fies, num médico só. Os médicos, quantos e quantas vezes se enganam. E quando se tem a tua idade só se sofre do coração, quando estás tão mais...

UM ESTUDANTE QUE NUNCA AMOU. — Para obteres uma foto de Maria da Graça, deves escrever-lhe a solicitá-la, e enviar a carta, para ela, à Redacção de Animatógrafo que a fará, por sua vez, chegar às mãos da simpática estrelinha. — Escreve a Nilda Nagrasi e Sonia Citeles, no cuidado da Redacção de Cineartes, R. do Ovidor, Rio de Janeiro.

MELITA CORREIA CABRAL. — Já transmiti a quem de direito o desejo que V. tem de ver, na separata de Animatógrafo, a vera-efigie desse simpático actor que é Herbert Marshall. — Li com o maior interesse a opinião que solicitas sobre o filme que V. sabe Interessava-me imensamente. Foi a realização dum velho sonho e ainda bem que as pessoas que melhor o poderiam criticar, o aplaudiram, como eu esperava. — Adeus Mr. Chips é fora de dúvida, um dos melhores filmes da época transacta. A criação de Robert Donat pode considerar-se excepcional e maravilhosa. — V. vai gostar de O Monte dos Vendavais, um dos filmes de mais fôlego exibido na presente temporada. — Espero a carta de Maria Popola. Ela já se não lembra de mim. Diga-lhe, por favor, que estou aguardando as suas notícias.

I AM THE QUEEN. — Muito obrigado pelas boas palavras que dedica a Animatógrafo. Agradecemos igualmente os seus bons votos. — O Amor de Perdição já foi transportado para a tela muda, em 1920, se não estou em erro, e com os seguintes artistas: Brunilde Judice, Irene Grave, Alfredo Russ, Jorge Grave Antócio Pinheiro, Pato Moniz e Samwell Diniz. — Claro, que poderia inspirar um bellissimo filme dos nossos dias. — Espero pois que me escrevas de novo e que resolvas banir o «Ex e III». Senhora, que procede o meu nome, no início da tua carta.

MISS SÉCULO XX. — Fiquei contente por ter aceitado a minha sugestão e conservado o seu antigo pseudónimo. — Com que entusiasmo acha que o Caber chora de mais em Passos uma Mulher. Eu sou da sua opinião. E de resto já diz o fado: «Não chores porque és um homem, e é feito um homem chorar...» — Evidentemente que os defeitos da Mulher, em Mulheres, eram vistos com a ampliação proporcional à da imagem do filme, para a imagem do ecrã... Mais: no filme,

Toda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA.

apenas se curou de criticar certos aspectos menos reconhecíveis, mas encantadores (vistas a distância) da alma feminina. No entanto, não devem ficar a querer mal ao cinema, por esse facto. Porque a tela já tem exaltado a Mulher em filmes como O Anjo Branco, Edith Cannell, etc., etc., para, não citar a quasi totalidade das obras onde ela nos aparece com o tamanho de ser da própria vida.

ADORO MADELEINE CARROL. — E tens muito bom gosto. Se tu visesses como ela é linda! Queres acreditar: não era das artistas da minha maior simpatia. Mas desde que conversei com ela, após a sua chegada a Lisboa, fiquei com uma admirável impressão dela. E muito mais bela, na vida real, do que na tela, e extremamente simpática. Foi eu que lhe dei a notícia da entrada da Itália na guerra. O Clipper chegou ao Cabo Ruitro a justamente na tarde em que a tua lista foi conhecida em Lisboa. — Podes escrever em português a todas as artistas americanas. — Este leitor deseja corresponder-se com leitoras e leitores, da nossa revista.

CALOIRO CINÉFICO. — Estou de acordo com o que dizes, com respeito à actuação da Rosalind Russell em Mulheres. Se de facto, o seu papel fosse exagerado, como alguns pretendem, a Academia Americana não teria atribuído ao seu desempenho a 3.ª classificação, entre os melhores do ano. — A mulher portuguesa é de facto diferente da mulher americana, por força da educação, do meio tradicionalista em que vive, da «eligição que professa, da organização da sociedade, do respeito pela família etc. — Para pedir uma foto à Ann Rutherford, não necessitas de enviar dinheiro.

CHARLEY CHASE N.º 2. — Não necessitas de pôr o n.º 2, visto que o n.º 1 está há muito debaixo da terra. Que esta lhe seja leve, colação! — A Comuho de Roma deve iniciar-se dentro em breve. — Breve, venhamos a vera-efigie de Clark Gable na separata de Animatógrafo.

GERALDO CHEIO DE PAVOR. — Apreciei muito a tua carta. Preste bem em escrever-me. Estou aqui para trocar impressões com todos os leitores que se me dirijam. — Cá fico aguardando a tua carta «Sobre Fão Nosso e a tua opinião de bom brasileiro sobre aquele filme.

MICKEY ROONEY. — O diretor de Animatógrafo e os seus colaboradores agradecem as tuas saudações. — Podes escrever, em português, a Sonia Henie para 20th Century Fox Studios, Box 900, Beverly Hills Califórnia. — A tua vedeta favorita casou-se, recentemente, e tomou umas férias merecidas nos estúdios. De modo que não é de estranhar o facto de ter interpretado ultimamente menos filmes.

SOLIDO. — Que tal me parece o teu pseudónimo? Muito fofo... — Cá ficas inscrito na lista dos meus simpáticos correspondentes. — Mandame dizer quais são as vedetas que preferes e eu dir-te-á, depois, as moradas. — As artistas americanas deves escrever-lhes em português. — Podes solicitar por intermédio de Animatógrafo, da Elisa Carreira e da Maria da Graça, a graça das respectivas fotos, autografadas.

RAINHA FARIDA. — Como poderia esquecer-te? Estimei muito a tua cartinha. O retrato? Lovely! Se tiveres empenho nele devolve-o. Mas se não te importares, gostaria de ficar com

ele. Combinado?! — Charles: Universal Studios, Universal City, Hollywood, California. — E espero uma nova carta, muito grande, para conversarmos mais de espaço.

ZÉ FERNANDES. — Cedo piaste! Quando recei o teu postal, já estava composta e impressa a resposta para ti. Como vé, não foi influência, do espedeço-me para sempre! Como se eu acreditasse, Zé Fernandes amigo! — Podes estar tranquilo. Tens sinal aberto cá na secção. De modo que já te não livras de ter resposta, sempre que me escrevas. A estatura do teu compadre é um assombro! Dir-se-ia a própria imagem da obstinação e da intransigência: «Daqui não arredo pé...» Tomou lugar a direita de «Toala». — Zé Fernandes, amigo: continuo (não leias «continuo», pela força do hábito) a aguardar curioso, as tuas impressões de cinema. Gostaria que me disseses o que pensas daquela amor da Judy Garland, depois de a teres visto no «Feiticeiro de Oz» e em «De Braço Dado». «Está de arrombas» para me servir da frase do autor que criou a personagem que tem o nome que adoptaste para pseudónimo...

UMA GAIATA CINÉFILA. — Achei graça à tua afirmação: «Oxáia que Hollywood deixe de fazer filmes no género de «Mulheres» e «Hotel para Mulheres». De contrário, Vv, ficamos a conhecer demais...» Podes estar tranquila! Quanto mais o cinema pretender penetrar nos segredos da alma feminina, maior será o estenderete... Há mais de mil anos que a Humanidade busca entendê-la e o misterio continua indecifrável... — Os meus amores com a Lamour! A modestia impede-me de te dizer como vão...

I AM CHARLES BOYER. — O cinema de amadores é, fora de dúvida, um encantador pasatempo. Só tem um defeito: é caro. Queres, realmente, mudar de pseudónimo? Aquêles que referes não me entusiasmarão. Escolhe outros, e eu depois te direi qual é o melhor. — Título original de «Horizontes Perdidos»: Lost Horizons, — Gene Tierney: 20th Century Fox Studios, Box 900, Hollywood Califórnia. Deve mandar retrato. — Este leitor deseja cartear-se com leitoras desta secção, sob o cinema e hipismo» (?).

BENJAMINA. — «Marearei no calendário os dias em que receber carta sua: porque serão sem dúvida os melhores do ano».

BIJAGOS. — Muito embora cartas sejam papéis, nunca as deito para o cesto dos ditos. As cartas ou se guardam ou se queimam, se bem que no momento presente o papel se pague por bom preço... — Podes pois escrever-me sem receio. — Como viste, o número do Natal respondeu a dois pontos focados na tua carta: És o sócio n.º 6 do «Clube de Animatógrafos» e demos em separata a desejada foto da Deanna Durbin. — Diz-me a que estrelas queres escrever, para eu te indicar as moradas.

RAPAZ DE ALPIARCA. — Este leitor deseja corresponder-se com «Maria Isabel», «Maria Madalena» e «Maria do Rosário». E cumprimenta «Uma Garota da Serra da Estrela», velha companheira do correio do Cinéfilo.

UM AVENTUREIRO. — As tuas palavras são desvanecedoras. Esperemos que «Animatógrafo» te continue a

agradar. — «Um aventureiro quer corresponder-se com leitoras desta secção».

AMO AS MORENAS. — Pelo que me dizes amas as morenas e o cinema com igual fervor. — Fizeste bem em escrever-me e agora cá estamos para conversar. — Podes fazer três perguntas em cada carta.

UM LOUCO POR NORMA SHEARER. — Se houvesse um Rilhafoles para os «loucos pelas vedetas de cinema», havia bicha à porta, pela certa, de candidatos a pensionistas... — Claro que não há inconveniente algum, pela minha parte, em admitir-te nestas colunas. Escreve-me, pois, sempre que queiras. E «coraça-te» de paciência para aguardar as respostas que as cartas são tantas, tantas, que a «Parkers», cada vez que olha para elas fica entupida... — Serás capaz de me explicar, agora que somos amigos, porque motivo é que me escreveste duas cartas iguais, no mesmo dia?!

OUBLI. — Daria muito trabalho saber se sempre foi com o pseudónimo que citas, que eu te respondi. Vamos adiante, que o passado pertence à história. — Larayne Day: Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, California. — Nunca mais viste filme algum de Maurice Chevalier, depois de «Viuva Alegre» porque deixaste passar, em claro, os programas que incluíam «O Vagabundo do Amor», «O Rei dos Optimistas», «O Caso do Dias» e «O Mistério das Onze Desaparecidas». Depois deste, é que não vimos mais nenhum.

I LOVE YOU, HELEN. — Julgo saber que Jorge Brum do Canto não desistiu de realizar «O Rei dos Homens». Simplesmente, deixou esse filme para melhor oportunidade. — «Prewiews» não é o mesmo que estreia, mas sim sinónimo de «ante-primeira». Os americanos adoptaram a palavra francesa. E assim é vulgar dizerem «World premiers, ou seja premissa mundial. «Handels» é totalmente desconhecido na terminologia cinematográfica. — Não podes comparar «Ninotchka» com «Pinochko». Daí a dificuldade de dizer qual é o melhor. Quando muito, podemos estabelecer uma escala de valores, como espectáculo. Mas isso depende da sensibilidade de cada um.

LOIRO STROGOFF. — Uma autêntica salada (russa) o teu pseudónimo! Com que entusiasmo, até aqui nunca havia comprado uma revista de cinema e, agora, esperas ansioso, o «Animatógrafo». Nunca digas: «esta água não beberei», sobretudo quando ela é saborosa, e tu não lhe conheces o gosto... — Para trocasses correspondência com leitoras desta revista, deves fazê-lo por meu intermédio, a menos que a leitora com quem te cartearas, te autorizar a escrever-lhe directamente. Deverás, deste modo, enviar as cartas, dentro dum envelope, devidamente estampilhadas, e trazendo no exterior, a lápis, o pseudónimo da destinatária.

ARMINDO BLANCO. — Cá ficas inscrito como meu consultante. Obrigado pelo «Hurrah» que levantas em honra de «Animatógrafos». — Maria da Graça, vedeta do «Porto de Abrigos», nada tem que ver com Maria da Graça, cantora da E. N. — As filmagens de «O Homem do Ribatejo» vão neste ponto: Ainda não começaram. — António Lopes Ribeiro tem vários projectos de produção, que serão desvendados a seu tempo.

Bel-Tenebroso

SENHA DE VOTO

Gostaria de ver publicados na «Galeria do Animatógrafo» os retratos seguintes:

Actriz:.....
Actor:.....



CLAUDETTE COLBERT e CHARLES BOYER

No fim do século passado, a pastelaria de Charles Chauchoin era uma das mais acreditadas e afreguezadas de Paris.

As mais famosas personalidades da época não desdenhavam sentar-se às suas mesas e provar os famosos doces de que ele tinha o segredo. O novo século, porém, não lhe foi propício. Os negócios tornaram-se difíceis, os clientes mostravam novas preferências. Não teve, porém, outro remédio que trespassar o seu estabelecimento, outrora célebre. E em 1913, com a mulher e dois filhos, Charles e Claudette, emigra para os Estados Unidos, em busca de melhores dias, e fixa-se em New York.

Claudette, aos 15 anos, matricula-se na Escola de Washington Irving, e ingressa três anos mais tarde na Academia de Belas Artes. A conselho de Ann Morrison, uma escritora teatral muito conhecida na Broadway, tenta o teatro. E tenta-o com êxito, pois alguns meses mais tarde o seu nome começa a aparecer nas «marquises» dos teatros.

Por essa época o cinema sonoro faz a sua aparição triunfal nos éceras americanos. As vedetas do mudo veem-se constringidas, dum momento para o outro, a abandonar os seus lugares de primeiro plano, para os cederem às novas estrelas do fonocinema. E é o teatro quem passa a fornecer o maior contingente de artistas para os estúdios.

Claudette teve a felicidade de ser uma das eleitas. A Paramount dá-lhe a assinar um contracto, e fá-la aparecer em alguns dos seus filmes, na época heróica do sonoro. «The Hole in the Wall», «The Lady Lies», «Secrets of Secretary», foram alguns desses primeiros filmes, que ela interpreta sem contudo abandonar o palco, onde aparece em «The Barker» e em «Dynamo», de Eugene O'Neil. No entanto o seu grande momento cinematográfico ainda não se revela. Essa oportunidade fica a dever a Maurice Chevalier, que a escolhe para sua «partenaire», primeiro no «Grande Charco» e depois no «Tenente Sedutor». Não há dúvida: a sua carreira na tela está lançada. Os filmes que lhe sucedem vêm confirmar não só a sua popularidade como os seus dotes de inteligência e de talento, e a sua aliciente personalidade. A sua carreira é hoje uma das mais bem preenchidas do cinema. Entre os seus filmes contam-se ainda «A Noiva que volta», «A Noite é Nossa», «O Sinal da Cruz», «Cleopatra», «Uma noite aconteceu», que lhe valeu o prêmio de interpretação da Academia Americana, «Mundos Intimos», com Charles Boyer, «Casou com o Patrão», «Sob duas Bandeiras», «A Rapariga de Salem», «Conheci-o em Paris», «A Oitava mulher do Barba Azul» e «Tovarich», que vamos ver dentro de dias apresentado pela S. I. F..

Claudette Colbert, que foi casada com Norman Foster que a Sr.ª Chauchoin odiava cordelmente, é hoje a mulher do Dr. Joel Pressman, cirurgião de Los Angeles. Nasceu a 13 de Setembro de 1905 e vive em 615 N. Farring Road, Holmby Hills, California.

Por volta de 1914, entre os alunos do liceu de Figeac encontrava-se um rapazinho inteligente, estudioso, mas pouco expansivo, vivendo para

os seus livros, estudando com afincio e com proveitosos resultados. Era Charles Boyer. Concluido o liceu, tira o bachelato na Universidade de Toulouse e depois, na Sorbonne, prepara-se para a licenciatura em filosofia. Mas o teatro, que já em garoto o tentava de verdade, vence gloriosamente a filosofia. Boyer entra para o conservatório, ingressando no curso de Raphael Duflos. Ainda aluno, aparece ao lado de Simone na peça «La Jeune Fille aux joues roses», em que passa pouco menos que despercebido. Continua no Conservatório, e certo dia, alguém, conhecendo a sua memória prodigiosa, pede-lhe para substituir Romuald Joubé, momentaneamente impossibilitado de comparecer na peça «Aux Jardins de Murcie». Desta vez o êxito é esmagador. De tal natureza foi que Gémier o chama para a seu teatro e lhe faz representar «La Grande Pastorale», «Les Mille et Une Nuits» «La Branche Morte», «Koenigsmark», «La Bataille», no papel que mais tarde viveria no cinema.

O seu prestígio é enorme. E vem então a época triunfal do Gymnase, que o acredita como um dos maiores actores de França, fazendo «La Galerie des Glaces», «Le Venin», com Gaby Morlay, «Le Secret» ao lado de Simone, Gaby Morlay e Pierre Blanchar, seu companheiro de conservatório, o famoso «Mélo», de novo com Gaby Morlay e Blanchar.

Entretanto o cinema espreita a carreira teatral de Charles Boyer. E ele, que apparece já em alguns filmes mudos sob grande importância, interpreta em Berlim «Barcarole», com Simone Cerdan, que o Condes exhibiu em 1932. A América, que resolveva fazer as famosas versões estrangeiras dos seus melhores filmes, contrata-o principicamente, fazendo-lhe interpretar as versões francesas do «Processo de Mary Dugan» e «Big House». Volta á Europa para aparecer em «Traição», o primeiro filme que o satisfaz. E o duelo America-Europa começa. Charles Boyer aparece ora em filmes europeus, ora em produções americanas. Entre os primeiros contam-se «I. F. 1 não responde», «A Imperatriz e Eu», «Veneno», «Lilliom», «O Gavião», o famoso «Meyerling».

Nos Estados Unidos aparece em «Caravana», «Mundos Intimos», com Claudette Colbert, «Ele e Ela», «Maria Waleska», com Grata Garbo, «Ladrão de uma Noite», «O Jardim de Allah», «Tovarich».

Charles Boyer, nascido em Figeac a 8 de Agosto de 1899, é casado com Pat Patterson, que deixou o cinema para se dedicar ao marido. É um dos mais bem pagos actores de cinema, trabalhando á razão de 150 mil dolares por filme. Ganha anualmente cinco vezes mais que o Presidente Roosevelt e vive numa casa em Beverly Estates, 9955, que lhe custou duzentos mil dolares. — J. DE CASTRO

A S. I. F. vai apresentar junto
CLAUDETTE COLBERT e CHARLES BOYER
 numa comédia excepcional: «TOVARICH»
 (A Noite é Nossa) — o mais original, o mais
 divertida e o mais discutido dos filmes recen-

Animatógrafo

DIRECTOR: JOÃO LOPEZ DE ALBUQUERQUE



FELIZ 1941!

Eis o desejo de «Animatógrafo»,
que não se cansa de o manifestar.
Por isso pediu a Ann Rutherford, da
M. G. M., que tirasse as barbas e o
bigode de Pai Natal e mostrasse,
no limiar do ano que começa, o seu
mais lindo sorriso aos nossos leitores.
Obrigado, Ann!